



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS – LÍNGUA INGLESA**

KÁSSIO DANTAS BRAGA

**CONTROLE E VIGILÂNCIA: ELEMENTOS
DISTÓPICOS NO ROMANCE *1984*, DE GEORGE
ORWELL**

**CAJAZEIRAS – PB
2023**

KÁSSIO DANTAS BRAGA

**CONTROLE E VIGILÂNCIA: ELEMENTOS
DISTÓPICOS NO ROMANCE *1984*, DE GEORGE
ORWELL**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC)
apresentado ao Curso de Licenciatura Plena
em Letras – Língua Inglesa, do Centro de
Formação de Professores, da Universidade
Federal de Campina Grande, como
requisito parcial da obtenção do título de
Licenciado em Letras – Língua Inglesa.

Área de concentração: Literatura

Orientadora: Prof. Dra. Daise Lilian
Fonseca Dias

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação -(CIP)

B813c	Braga, Kássio Dantas Controle e vigilância: elementos distópicos no romance 1984, de George Orwell / Kássio Dantas Braga. - Cajazeiras, 2023. 71f. Bibliografia. Orientadora: Profa. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias. Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Inglesa) UFCG/CFP, 2023. 1. Análise literária. 2. Literatura inglesa. 3. Romance inglês. 4. Utopia. 5. Distopia. 6. Ficção distópica. 7. Romance 1984. 8. Orwell, George. I. Dias, Daise Lilian Fonseca. II. Título. UFCG/CFP/BS CDU - 82.09
-------	---

Ficha catalográfica elaborada pela Bibliotecária Denize Santos Saraiva Lourenço CRB/15-046

FOLHA DE APROVAÇÃO

Banca Examinadora

Monografia aprovada em 16/06/ 2023.



Profª. Dra. Daise Lilian Fonseca Dias
(Orientadora)



Prof. Dr. Carlos Gildemar Pontes
(Examinador interno – UFCG)



Profª. Dra. Maria Lúcia de Souza Agra
(Examinador externo - URCA)

Prof. Dr. Francisco Francimar de Sousa Alves
(Suplente - UFCG)

“Se a liberdade significa alguma coisa, será sobretudo o direito de dizer às outras pessoas o que elas não querem ouvir”.

George Orwell

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer sinceramente a todos os colegas de curso que estiveram ao meu lado ao longo desta jornada acadêmica, especialmente à Ângela Maria de Sousa Oliveira, Jefferson Duarte de Almeida, Juliana Apoliana Tavares Alves, Mirelly Pereira Lins e Thayanne Gabryelle de Sousa Neves. Nossa caminhada foi repleta de desafios, mas graças ao apoio mútuo e à nossa dedicação, conseguimos superar cada obstáculo que surgiu em nosso caminho. Sempre estivemos dispostos a nos ajudar, compartilhando conhecimentos, trocando ideias e oferecendo suporte emocional. A presença de vocês fez toda a diferença e sou imensamente grato por isso.

Gostaria também de expressar minha profunda gratidão à professora doutora Daise Lilian Fonseca Dias, cujo trabalho magnífico como orientadora foi fundamental para o sucesso deste trabalho. Sua experiência, sabedoria e dedicação foram fundamentais para o aprimoramento da pesquisa. Seu apoio incondicional e orientação cuidadosa foram essenciais para o desenvolvimento deste trabalho acadêmico.

Agradeço ainda a todos os professores e funcionários da instituição que contribuíram para a minha formação ao longo desses anos. Seus conhecimentos, ensinamentos e paciência foram inestimáveis. Por fim, não poderia deixar de mencionar minha família e amigos, que sempre estiveram ao meu lado, oferecendo incentivo, compreensão e amor. Seu apoio constante foi a força motriz que impulsionou minha jornada acadêmica.

A todos vocês, meu mais sincero agradecimento. Cada palavra de encorajamento, cada gesto de amizade e cada momento compartilhado contribuíram para minha formação como profissional e ser humano. Sou imensamente grato por ter tido a oportunidade de trilhar essa jornada ao lado de pessoas tão especiais.

RESUMO

O romance *1984* (Nineteen Eighty-Four) do escritor inglês George Orwell (1903-1950) é uma das mais importantes obras literárias do século XX. Escrita em 1948, ela apresenta uma visão sombria e distópica de um futuro totalitário, no qual o Estado controla todas as facetas da vida dos cidadãos. Este trabalho tem como objetivo principal analisar este clássico na perspectiva literária da distopia, buscando entender como ela é construída e quais são suas implicações para a sociedade retratada no livro. Para tanto, foi realizada uma pesquisa bibliográfica, contando com o aparato teórico sobre Utopia e Distopia dos autores Claeys (2017), Favero e Veras (2020), Hubner (1997), Liebel (2021), Pavloski (2014, 2017, 2018) e Silva (2008), dentre outros. A análise se concentrará em aspectos específicos da construção da distopia na obra, tais como, a caracterização dos personagens, a descrição do ambiente e a narrativa do enredo. Além disso, também será abordada a relação entre a utopia, a distopia e a literatura, buscando entender como o romance de Orwell contribuiu para o desenvolvimento do gênero da ficção distópica. Ao analisar os aspectos específicos da construção da Distopia em 1984, será possível compreender melhor como a literatura distópica pode fornecer perspectivas críticas sobre as sociedades contemporâneas e como a obra de Orwell influenciou o desenvolvimento desse gênero literário.

Palavras-chave: Literatura inglesa, utopia, distopia.

ABSTRACT

The novel *1984* (Nineteen Eighty-Four) by the English writer George Orwell (1903-1950) is one of the most significant literary works of the 20th century. Written in 1948, it presents a dark and dystopian vision of a totalitarian future, in which the State controls every aspect of the citizens' lives. This study aims to analyze this classic from the perspective of the literary dystopia, seeking to understand how it is constructed and its implications for the society portrayed in the book. To achieve this goal, a bibliographic research was conducted, drawing upon the theoretical framework on Utopia and Dystopia by authors such as Claeys (2017), Favero and Veras (2020), Hubner (1997), Liebel (2021), Pavloski (2014, 2017, 2018), and Silva (2008), among others. The analysis will focus on specific aspects of dystopia construction in the novel, such as characterization of the characters, description of the setting, and narrative of the plot. Furthermore, the relationship between utopia, dystopia, and literature will also be addressed, aiming to understand how Orwell's novel contributed to the development of the dystopian fiction genre. By examining the specific aspects of dystopia construction in *1984*, it will be possible to gain a deeper comprehension of how dystopian literature can provide critical perspectives on contemporary societies and how Orwell's work influenced the development of this literary genre.

Keywords: English literature, utopia, dystopia.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	9
1. ENTRE UTOPIAS E DISTOPIAS: UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES IDEAIS NA LITERATURA	12
1.1 UTOPIA AO LONGO DA HISTÓRIA: ANÁLISE DOS PROCESSOS HISTÓRICOS E SUA EVOLUÇÃO	12
1.2 DISTOPIAS NA LITERATURA: UM OLHAR PARA NARRATIVAS DISTÓPICAS ..	21
2. ASPECTOS DA POÉTICA DE GEORGE ORWELL	34
2.1 GEORGE ORWELL: VIDA E OBRA.....	34
2.2 AS PRINCIPAIS OBRAS DE ORWELL ATÉ <i>1984</i>	38
3. ASPECTOS DISTÓPICOS EM <i>1984</i>	45
3.1 ELEMENTOS DE CONTROLE SOCIAL	45
3.2 ENTRE A ILUSÃO E A OPRESSÃO: O PAPEL DO PARTIDO, FALSAS ESPERANÇAS DE REVOLUÇÃO E A RENDIÇÃO DE WINSTON	50
CONSIDERAÇÕES FINAIS	67

INTRODUÇÃO

A distopia é um subgênero do romance que se desenvolveu no século XX, como uma forma de crítica social e política que se expressou através da literatura. Ela se caracteriza pela representação de um mundo imaginário que é geralmente pessimista e opressivo, em que a sociedade é controlada por governos totalitários e autoritários, onde o indivíduo é subjugado e onde as liberdades e direitos são limitados ou suprimidos.

A distopia tornou-se popular na literatura moderna e tem sido usada para representar diferentes visões do futuro, bem como reflexões sobre o presente. Em particular, o romance *1984* (1949) do escritor inglês George Orwell (1903-1950) é uma das obras mais representativas da literatura distópica, e é considerada uma das mais importantes e influentes da literatura do século XX. *1984* apresenta uma visão sombria do futuro, em que o mundo é dividido em três grandes continentes, cada um governado por um partido único que exerce controle total sobre a vida das pessoas. O romance é ambientado em Londres, na Oceania (sendo uma das três superpotências que dominam o mundo no cenário fictício do livro. As outras duas são a Eurásia e a Lestásia), e narra a história de Winston Smith, um funcionário do Partido que começa a questionar o sistema e as regras impostas pelo governo.

A obra apresenta características marcantes da literatura distópica, como o controle do Estado sobre a vida privada dos indivíduos, a manipulação da linguagem e da informação, a supressão da história e da memória, bem como a utilização de técnicas de tortura e repressão para manter a ordem e a obediência. Além disso, *1984* tem sido considerada uma obra profética (como é comum nas utopias escritas em interface com ficção científica), cujas reflexões sobre a sociedade e o poder têm sido cada vez mais relevantes ao longo do tempo. A obra aborda temas como a vigilância em massa, a manipulação da mídia e da informação, a perda de privacidade, a supressão da liberdade de expressão e o controle da vida pessoal pelo Estado. Todos esses temas continuam a ser relevantes hoje em dia, tornando a obra de George Orwell uma referência obrigatória para a compreensão das questões contemporâneas.

Mediante o exposto, convém destacar que este trabalho visa analisar *1984*, sob a perspectiva da literatura distópica. A escolha desse romance distópico se dá pelo fato de ser uma das obras mais emblemáticas do gênero, cuja importância para a literatura e para a compreensão da sociedade contemporânea é inegável. O principal objetivo deste trabalho é analisar *1984*, identificando e discutindo os elementos que a caracterizam como uma distopia. Além disso, busca-se compreender o contexto histórico e político no qual a obra foi escrita, bem como a sua relevância para a literatura.

Este trabalho utiliza como metodologia a pesquisa bibliográfica, a partir da qual foi realizada uma análise crítica dos principais conceitos e debates teóricos relacionados ao tema da Utopia e Distopia. Para isso, foram utilizadas obras de diversos autores, tais como Claeys (2017), Favero e Veras (2020), Hubner (1997), Liebel (2021), Pavloski (2014, 2017, 2018) e Silva (2008), que abrangem diferentes perspectivas e enfoques no que se refere a esse tema. Além disso, foram consultados artigos de revistas acadêmicas, livros, e outros trabalhos acadêmicos, de forma a embasar a construção do referencial teórico deste trabalho. Com base nesses recursos, busca-se oferecer uma análise consistente e aprofundada acerca das principais teorias e conceitos relacionados ao tema da Utopia e Distopia.

Para tanto, foram explorados os subgêneros literários da utopia e distopia, a vida e obra do escritor George Orwell, bem como a análise do seu romance *1984* (1948), na perspectiva da distopia. No primeiro capítulo é realizada uma revisão bibliográfica abrangente sobre os gêneros literários da utopia e distopia, com o objetivo de analisar suas principais características e rastrear sua evolução histórica ao longo do tempo. Através desta revisão, são exploradas obras-chave e teorias fundamentais que tratam sobre esses gêneros, examinando sua origem, desenvolvimento e transformações ao longo dos períodos literários. Com base nessa investigação, busca-se compreender as especificidades e as nuances que distinguem a utopia da distopia, bem como as maneiras pelas quais esses gêneros têm sido usados para expressar críticas sociais, políticas e filosóficas em diferentes contextos literários.

O segundo capítulo do presente trabalho se dedica a explorar a vida e as principais obras de George Orwell, enfatizando sua profunda influência tanto no âmbito literário quanto político. Ao examinar a trajetória do autor, são abordados aspectos relevantes de sua biografia, desde sua infância até seu envolvimento direto em eventos históricos marcantes. Além disso, destaca-se a análise minuciosa de suas obras literárias mais significativas, considerando seus temas recorrentes, estilo de escrita peculiar e o impacto duradouro que exerceram no cenário literário e político. Por meio dessa investigação, busca-se compreender como a visão de Orwell sobre o poder, a verdade e a liberdade moldaram o contexto em que viveu e continua a reverberar na sociedade contemporânea.

No terceiro e último capítulo deste estudo, é conduzida uma análise minuciosa do romance distópico *1984*, focalizando suas características principais e os elementos que o tornam uma distopia clássica, além de examinar sua significância e relevância contemporânea. Por meio dessa análise, busca-se compreender de que maneira a obra de George Orwell retrata uma sociedade totalitária e opressiva, explorando temas como vigilância, manipulação da verdade e controle governamental. Além disso, este capítulo também busca contextualizar a importância

de *1984* como uma poderosa ferramenta literária, capaz de suscitar questionamentos sobre as relações humanas, a preservação dos direitos individuais e a natureza do poder em nossas sociedades. Ao final deste estudo, espera-se obter uma compreensão mais aprofundada sobre o papel da literatura como instrumento de crítica social e reflexão, evidenciando o potencial transformador das obras distópicas na compreensão do mundo atual.

1. ENTRE UTOPIAS E DISTOPIAS: UMA ANÁLISE DE REPRESENTAÇÕES IDEAIS NA LITERATURA

1.1 UTOPIA AO LONGO DA HISTÓRIA: ANÁLISE DOS PROCESSOS HISTÓRICOS E SUA EVOLUÇÃO

A utopia é um conceito que tem intrigado pensadores e escritores ao longo dos séculos. Ela representa uma visão de um mundo ideal, uma sociedade perfeita que se diferencia do mundo real e atual. A palavra "utopia" foi criada pelo escritor inglês Thomas More em sua obra *Utopia* (1516). More combinou as palavras gregas "ou" (não) e "topos" (lugar) para formar a palavra "utopia", que significa literalmente "lugar que não existe": “More faz um trocadilho com eutopia, lugar onde tudo está bem” (MOISÉS, 2004, p.458). More escolheu essa palavra para descrever a ilha utópica em sua obra, porque queria transmitir a ideia de que a sociedade perfeita e igualitária que ele imaginava não existia na realidade. Assim, ele usou o termo "utopia" para sugerir que a sociedade descrita em sua obra era uma idealização inatingível.

Para compreender o conceito de utopia, é fundamental estudar o trabalho do seu idealizador. Conforme destacado por Hubner (1997), o título da obra de More evoca os elementos que constituem a base da utopia literária. A palavra utopia representa um espaço insular inovador, conhecido como "ilha nova", que busca ilustrar a organização ideal da cidade, ou seja, um espaço político em sua plenitude, conforme conceito platônico. Desse modo, é essencial considerar a obra de Thomas More e sua definição da palavra utopia para uma compreensão mais profunda e precisa do conceito.

Para Abbagnano (2007), a utopia, enquanto gênero literário, vai além das considerações filosóficas, sendo amplamente difundida e inclusive adaptada em obras de ficção científica. Compete à filosofia avaliar a utopia, tanto quando expressa sob a forma de romance quanto sob a forma de mito, ideologia, entre outros. No entanto, há divergências entre os filósofos em relação a essa avaliação. Auguste Comte, por exemplo, atribuía à utopia a responsabilidade de aprimorar as instituições políticas e desenvolver ideias científicas. Por outro lado, Karl Marx e Friedrich Engels condenavam as formas assumidas pelo socialismo proposto por Saint-Simon, Fourier e Proudhon, considerando-as "utópicas". Em contrapartida, eles propunham o socialismo "científico", que previa a transformação inevitável do sistema capitalista em um sistema comunista, sem, entretanto, estabelecer previsões específicas sobre a forma que a sociedade futura adotaria ou elaborar um programa para essa transformação. Essas distintas

perspectivas filosóficas revelam a complexidade e os debates inerentes à análise da utopia e sua relação com a realidade social e política.

Além da definição de utopia, a obra de Thomas More também se destaca por apresentar uma crítica contundente às sociedades de sua época. Em sua obra *Utopia* (1516), More não apenas imagina uma sociedade perfeita, mas também usa essa utopia filosófica como uma ferramenta para expor as falhas e desigualdades da Inglaterra do século XVI. More é especialmente crítico em relação às desigualdades sociais e à corrupção da Igreja Católica Romana. Ele propõe soluções ousadas para esses problemas, como a abolição da propriedade privada e a tolerância religiosa, embora algumas das suas ideias possam parecer extremas para os leitores modernos.

A dinamicidade dos conceitos de utopia pode ser compreendida a partir da sua evolução histórica. Durante a Grécia Antiga, por exemplo, a ideia do que um dia viria a ser conhecido como utopia era vista como uma sociedade ideal, na qual a justiça e a igualdade reinavam. Já na Idade Média, a utopia assumiu a forma de uma terra distante e inalcançável, onde reinava a harmonia e a paz. Durante a Modernidade, surgiram diferentes abordagens da utopia, como as utopias socialistas e as utopias tecnológicas, que buscavam melhorar a vida em sociedade a partir de transformações econômicas e científicas.

Ao longo do tempo, a utopia também foi explorada como forma de crítica social, evidenciando a realidade presente a partir de uma visão idealizada. Nesse sentido, ainda que a utopia tenha grande relevância na história, continua sendo difícil encontrar conceitos precisos para defini-la, como destaca Silva (2008, p. 301-302):

Tal dificuldade justifica-se pela ambiguidade existente na etimologia do próprio termo. De origem grega, a palavra utopia possui dois significados: outopia (lugar nenhum ou não-lugar) e eutopia (um bom lugar). Assim, a essência da utopia gira sempre em torno de um paradoxo: viver em um bom lugar onde tudo é possível, mas que não existe.

Apesar de ser frequentemente considerada como um conceito irrealizável ou inatingível, a utopia serve como um elemento importante para a imaginação humana, incentivando-nos a pensar além das estruturas sociais existentes e a buscar alternativas para um futuro melhor. A ideia de um lugar perfeito remonta a tempos antigos e está presente em diversas culturas e textos literários ao longo da história. Desde os tempos antigos, mitos e narrativas foram criados para descrever um ambiente ideal, onde a felicidade e a paz são plenamente alcançáveis.

Para Silva (2008), nas sociedades primitivas, pode-se observar a presença de evidências da imaginação utópica que se expressam através de lendas e crenças que sugerem a existência de um lugar perfeito para se viver. Essas lendas e crenças fornecem pistas importantes para

compreender como a ideia de uma sociedade idealizada e perfeita é concebida e transmitida ao longo do tempo. Além disso, o estudo dessas manifestações utópicas pode contribuir para uma análise mais profunda da evolução do pensamento humano e da maneira como diferentes culturas imaginam e idealizam sua realidade social. Dessa forma, a investigação da imaginação utópica nas sociedades primitivas pode oferecer um importante ponto de partida para uma análise mais abrangente do conceito de utopia em diferentes contextos históricos e culturais.

Utopia e mito são conceitos que possuem algumas semelhanças e conexões. Ambos envolvem a criação de narrativas que descrevem ideais inatingíveis ou irrealis, que podem ser usados para expressar esperanças, desejos e medos. Um exemplo disso é o mito grego de Atlântida, que descreve uma cidade ideal, com tecnologia avançada e harmonia social, que foi destruída por uma catástrofe natural. Esse mito expressa a esperança de uma sociedade ideal, mas também o medo da destruição por forças maiores.

Outro exemplo é o mito, que descreve uma cidade de ouro e riquezas infinitas, que nunca foi encontrada. O mito de El Dorado é uma lenda que se originou na América do Sul durante o período colonial, mais precisamente nas regiões andinas da atual Colômbia. A história começa com a crença dos povos indígenas em um rei mítico chamado El Dorado, que governava uma cidade fabulosa feita de ouro. De acordo com a lenda, o rei El Dorado realizava uma cerimônia anual em que se cobria com pó de ouro e se lançava ao lago sagrado de Guatavita, como um símbolo de sua riqueza e poder. Os conquistadores espanhóis que chegaram à região no século XVI ouviram falar da lenda e ficaram fascinados com a possibilidade de encontrar uma cidade de ouro tão rica. A busca pelo El Dorado levou muitos exploradores europeus a viajar pela América do Sul em busca da cidade perdida. No entanto, a cidade nunca foi encontrada e a lenda se transformou em um símbolo da ambição humana e da busca pela riqueza e pelo poder. Esse mito expressa o desejo de riqueza e abundância, mas também a impossibilidade de alcançar essa perfeição. Em ambos os casos, os mitos se fundem com a utopia, criando narrativas poderosas que inspiram e assombram a imaginação humana

Sendo assim, a utopia é uma visão idealizada de uma sociedade perfeita, enquanto o mito é uma narrativa simbólica que geralmente envolve a intervenção de seres sobrenaturais ou divinos para explicar aspectos da realidade. Ambos podem ser usados para desafiar as normas e valores existentes, questionar o *status quo* e apontar para possibilidades alternativas. No entanto, enquanto a utopia busca alcançar um futuro melhor, o mito geralmente está preocupado em explicar o passado ou fornecer uma justificativa para as tradições e crenças estabelecidas.

Como destaca Liebel (2021), as utopias frequentemente apontam para uma volta à Idade de Ouro, um tempo em que tudo era perfeito e harmonioso. Esse ideal de um lugar perfeito

pode ser observado em diversas obras (literárias), desde o livro do Gênesis da Bíblia, onde o Jardim do Éden é apresentado como um lugar perfeito criado por Deus para Adão e Eva à *Epopeia de Gilgamesh* (C. 3000 a. C.), cujo herói busca a imortalidade em um lugar paradisíaco chamado Dilmun. Há também a cidade ideal de Platão em *A República* (séc IV a. C), onde o filósofo descreve a cidade ideal, um lugar onde as virtudes são cultivadas e a justiça reina. Essas representações simbólicas de um lugar perfeito têm em comum a ideia de um ambiente harmonioso, onde a felicidade e a paz são plenamente alcançáveis.

A literatura medieval já apresentava em suas obras alguns elementos que futuramente viriam a ser considerados utópicos, a exemplo da obra *A Divina Comédia* que foi escrita por Dante Alighieri no século XIV, entre os anos 1308 e 1320. É considerada uma das obras-primas da literatura italiana e mundial, sendo um marco da literatura medieval. A obra é um poema épico em três partes: Inferno, Purgatório e Paraíso, e é uma das principais representações da teologia, filosofia e literatura da Idade Média. Embora *A Divina Comédia* não seja uma obra escrita para ser utópica, há elementos utópicos presentes na parte final da obra, no Canto XXXIII do Paraíso, onde Dante descreve sua visão do Paraíso. Apesar de ser uma obra que retrata o inferno, o purgatório e o paraíso, o último é descrito como um lugar perfeito e harmonioso, que pode ser visto como uma utopia religiosa, no caso, de orientação católica.

De acordo com Veras e Favero (2020), as utopias são produzidas por grupos sociais que se sentem revoltados com situações consideradas ultrajantes, como foi o caso de Thomas More ao criar *Utopia*, ou distópicas. Tais utopias englobam, além da tomada de consciência dessas situações, a concepção de estratégias para superá-las e a crença de que outras realidades são viáveis. Como exemplos, podemos citar *A Cidade das Damas* (1405), da francesa Christine de Pisan na Idade Média. Nesta obra, a autora apresenta uma utopia feminina, onde as mulheres são vistas como iguais aos homens e têm as mesmas oportunidades em todos os campos da vida. A cidade descrita por Pisan é governada por mulheres e possui uma estrutura social justa e igualitária; a autora enfatiza a importância da educação para elas e argumenta que elas têm o mesmo potencial intelectual que os homens.

Já em *A Cidade do Sol* (1602) é uma obra escrita pelo italiano Tommaso Campanella. Neste livro, o autor apresenta uma utopia idealizada, onde a sociedade é organizada de forma a garantir a felicidade e a harmonia entre todos os seus habitantes. A cidade descrita pelo autor é governada por uma elite de sábios, que buscam o bem comum em detrimento de interesses pessoais. A obra também aborda temas como a igualdade, a liberdade e a justiça social, além de apresentar um sistema econômico baseado no compartilhamento de bens e recursos.

Ainda, de acordo com Silva (2008), o termo utopia apresenta duas acepções na linguagem coloquial, o que reflete sua etimologia. A primeira é relacionada a um lugar imaginário no qual se concretiza a ideia de uma sociedade perfeita. A segunda, mais comum, possui um teor pejorativo, associado a um projeto político ou social sedutor, mas irrealizável. Dessa forma, a utopia é caracterizada por uma ambiguidade que combina ideais de perfeição e impossibilidade. Sendo assim, até o final do século XVIII, a utopia era vista principalmente como uma forma de ficção imaginativa, conforme a tradição humanista que predominava na época. Nesse contexto, a utopia era valorizada sobretudo em termos de forma e conteúdo, como um ideal distante e inatingível. Com o advento da Revolução Industrial, no século XVIII, e a ascensão do pensamento liberal, surgiram novas visões da utopia, que enfatizavam a possibilidade de uma sociedade mais justa e igualitária.

A evolução das visões sobre a utopia acompanhou as transformações sociais, políticas e econômicas ocorridas ao longo dos séculos. A partir da Revolução Industrial, surgiram novas concepções sobre a utopia que buscavam a concretização de ideias de justiça social e igualdade por meio de mudanças estruturais na sociedade. Esse movimento foi marcado pela emergência do pensamento utópico socialista e comunista, que propunham alternativas ao modelo capitalista vigente. No entanto, essas visões utópicas também foram alvo de críticas e, muitas vezes, ridicularizadas como irrealizáveis ou utópicas no sentido pejorativo da palavra. Apesar disso, a busca por um mundo mais justo e igualitário ainda é um ideal que motiva muitas pessoas e movimentos sociais em todo o mundo.

As primeiras utopias conhecidas surgiram na Grécia antiga, mas foi durante o Renascimento, nos séculos XV e XVI, que as chamadas "utopias literárias" se popularizaram na Europa. Nessa época, autores como Thomas More (*Utopia*), Francis Bacon (*Nova Atlântida*) e Tommaso Campanella (*A Cidade do Sol*), escreveram obras que idealizavam sociedades perfeitas e imaginárias, nas quais os problemas políticos, sociais e econômicos de seus países não existiam. Assim, *Utopia* (1516) inaugurou o gênero, além de inspirar pensadores ao longo dos séculos, sendo o termo "utopia" utilizado para descrever um lugar ou estado perfeito e inexistente.

Convém frisar que na sociedade da *Utopia*, a propriedade é compartilhada, a educação é gratuita e disponível para todos, a religião é tolerada e o governo é eleito pelo povo. Os trabalhadores têm jornadas curtas e salários justos e o sistema de leis é claro e justo, com um foco na reabilitação em vez de punição. No entanto, a utopia também é caracterizada por uma forte centralização do poder, em que as decisões são tomadas por uma elite governante e as liberdades individuais são limitadas. Além disso, a *Utopia* de More é sustentada pela escravidão

de outras sociedades e pela exploração dos recursos naturais. A obra também pode ser vista como uma crítica à sociedade inglesa do século XVI, com suas desigualdades sociais e religiosas, e às instituições corruptas da época.

Essas obras geralmente apresentavam sociedades perfeitas e imaginárias, nas quais os problemas políticos, sociais e econômicos de suas épocas eram resolvidos de maneira idealizada. Embora muitas dessas utopias fossem escritas como meras fantasias literárias, elas também foram vistas como uma forma de criticar as desigualdades e injustiças de suas próprias sociedades. Essas utopias literárias influenciaram o pensamento utópico em todo o mundo, inspirando movimentos políticos e sociais ao longo dos séculos. Mesmo que essas sociedades imaginárias nunca tenham se materializado na realidade, as utopias literárias desempenharam um papel importante na imaginação coletiva, desafiando seus leitores a pensar em novas possibilidades para um mundo mais justo e equitativo.

Como se sabe, a literatura é um meio de expressão que permite a criação de mundos imaginários e a exploração de ideias e temas que refletem a sociedade e suas contradições. Assim, segundo Dias (2019), os clássicos universais como *Robinson Crusoe* (1719) e *As aventuras de Gulliver* (1726) são exemplos de obras que combinam elementos utópicos e proto-distópicos, assim como a ficção científica, devido ao fato de que ambas as obras abordam temas como a exploração do desconhecido, o contato com culturas diferentes e a sobrevivência em ambientes hostis.

As aventuras de Gulliver é uma sátira social escrita pelo irlandês Jonathan Swift, enquanto *Robinson Crusoe* é um romance de aventura, escrito pelo inglês Daniel Defoe. Ambas as obras são consideradas clássicos da literatura mundial e influenciaram significativamente a literatura e a cultura popular desde então. As obras foram escritas em um momento histórico de grande mudança social e cultural, que viu o surgimento da ciência moderna, o início da Revolução Industrial e o desenvolvimento do Iluminismo.

Com a Revolução Francesa e o advento da Revolução Industrial, no século XIX, surgiram outros tipos de utopias não-literárias, como o Socialismo Utópico de Robert Owen, Saint-Simon, Charles Fourier e Pierre-Joseph Proudhon. Essas utopias propunham novos modelos de organização social e econômica, baseados na igualdade, solidariedade e justiça. No século XIX, surgiram utopias enredadas no Socialismo Científico, com Karl Marx e Friedrich Engels em *Manifesto Comunista* (1848) no qual apresentam a visão do socialismo científico e do comunismo, propondo uma sociedade sem classes, baseada na propriedade coletiva dos meios de produção e na distribuição igualitária de bens e *Das Kapital* (1867), onde Marx explora a dinâmica do sistema capitalista e as contradições entre trabalho e capital,

argumentando que a exploração do trabalho é a raiz das desigualdades sociais. As utopias continuam a ser produzidas nos dias atuais, e seguem desempenhando um papel importante na imaginação e na construção de futuros possíveis. Com relação a isso, Barriel (2014, p. 11) afirma:

A construção de uma utopia, que é um esforço intelectual sempre datado, parte de um ponto de vista subjetivo que se alarga sobre o social. A utopia não parte de um ponto fora do sujeito histórico (de Deus, por exemplo), mas do próprio sujeito. Isso quer dizer que toda utopia, mesmo falando de um futuro fictício, está na verdade referindo-se aos problemas da época em que foi escrita.

Segundo Veras e Favero (2020), as visões utópicas representam certas maneiras de experimentar o mundo em que vivemos (por meio da indignação), geram interpretações e levam à criação de planos que têm o poder de desafiar a ordem existente e dar origem a novas realidades. Elas inspiram a imaginação do que poderia ser diferente, o que poderia ser melhor. Nesse sentido, a utopia não deve ser vista apenas como uma fantasia, mas como um ideal que pode ser alcançado através da ação coletiva e da luta por mudanças sociais.

É importante considerar que a literatura utópica floresceu no final do século XIX e início do século XX, período que foi marcado pela Revolução Industrial e suas consequências na sociedade. Autores como Edward Bellamy, William Morris e H.G. Wells exploraram em seus livros a possibilidade de uma sociedade utópica que poderia ser alcançada por meio da adoção de novos sistemas econômicos, políticos e sociais. Esses autores viram na Revolução Industrial uma oportunidade para transformar a sociedade em uma direção mais justa e igualitária, em que as desigualdades econômicas e sociais poderiam ser eliminadas.

O livro *Looking Backward* de Edward Bellamy é um exemplo notável de literatura utópica do final do século XIX. Publicado em 1888, o livro se passa no ano 2000 e descreve uma sociedade utópica em que a pobreza e a desigualdade foram eliminadas por meio da adoção de um sistema econômico socialista, aqui fortalecendo a interface já vista com a ficção científica em *As viagens de Gulliver*. Bellamy imaginou uma sociedade em que todos os cidadãos trabalham para o bem comum e recebem um salário igual, independentemente de seu trabalho. O livro teve um grande impacto na época e inspirou muitos socialistas a lutarem pela mudança social.

Outro autor que explorou a ideia de uma sociedade utópica foi William Morris. Seu romance *A Dream of John Bull* (1888), descreve uma sociedade utópica baseada na igualdade e na cooperação entre as pessoas. Morris imaginou uma sociedade em que a propriedade privada e o dinheiro foram abolidos, e as pessoas trabalham juntas em cooperativas para produzir bens e serviços. O livro teve uma forte influência no movimento socialista e na luta pela justiça

social. *News from Nowhere* (1890) é outro trabalho notável de William Morris que explora a ideia de uma sociedade utópica. O romance é uma narrativa imaginativa em que o personagem principal acorda em uma sociedade futurista, reforçando o ele com a ficção científica, em que a propriedade privada e o dinheiro foram abolidos e as pessoas vivem em harmonia com a natureza e entre si. A obra é também influenciada pelo socialismo utópico, e Morris usa a narrativa para descrever uma sociedade em que a igualdade social e a justiça prevalecem. Nela, o autor propõe uma sociedade baseada na cooperação, em que as pessoas trabalham juntas para atender às necessidades da comunidade. O livro é uma crítica ao capitalismo e ao industrialismo da época, e apresenta uma visão alternativa de um futuro possível.

H.G. Wells, por sua vez, escreveu *A Modern Utopia* em 1905, em que descreve uma sociedade utópica em que a tecnologia avançada é usada para criar uma sociedade igualitária e sem fronteiras. Em *Men Like Gods*, de 1925, Wells descreve outra sociedade utópica, dessa vez localizada em um mundo alternativo, em que a ciência e a razão governam o mundo. As obras de Wells são exemplos de como a literatura utópica e distópica pode ser influenciada por outras obras. Em *A Modern Utopia* e *Men Like Gods*, Wells usou sua própria interpretação da forma da ucronia futura, que foi também empregada por Bellamy e Morris em suas obras.

A ucronia é um gênero literário que explora as possibilidades de um passado ou futuro alternativo e as consequências dessas mudanças. Wells usou esse conceito para apresentar uma visão distópica do futuro, enquanto Bellamy e Morris apresentaram visões utópicas de um mundo alternativo. Assim, Wells utilizou esta forma em várias obras, incluindo *In the Days of the Comet*, *The Time Machine* e *The Sleeper Awakes*, todas elas produzidas em interface com a ficção científica, notadamente o nicho viagem no tempo, uma característica do gênero utopia literária. Como mencionado por Babb (2016, p.58-59, tradução nossa):

Duas das intertextualidades mais proeminentes para *A Modern Utopia*, são *Looking Backward* (1888) de Edward Bellamy e *News from Nowhere* (1890) de William Morris, que empregam a forma da ucronia futura, que extrapola a partir do presente para imaginar o mundo do futuro. O próprio Wells utilizou esta forma em várias obras, quer utopicamente como em *In the Days of the Comet* (1906), quer distopicamente como em *The Time Machine* (1895) e *The Sleeper Awakes* (1910).¹

Esses autores, assim como muitos outros da época, viram a Revolução Industrial como uma oportunidade para criar uma nova sociedade utópica baseada na igualdade, justiça e

¹ Citação original: “Two of the most prominent intertexts for *A Modern Utopia*, Edward Bellamy’s *Looking Backward* (1888) and William Morris’s *News from Nowhere* (1890), employ the form of the future uchronia, which extrapolates from the present to imagine the world of the future. Wells himself employed this form in a number of works, whether utopically as in *In the Days of the Comet* (1906) or dystopically as in *The Time Machine* (1895) and *The Sleeper Awakes* (1910)” (BABB, 2016, p.58-59).

tecnologia avançada. As utopias desafiam e instigam a pensar fora da caixa, a imaginar um mundo que não se parece com nada já vivenciado antes. Assim, de acordo com Barriel (2014), a utopia tem como propósito principal humanizar o homem, conscientizando-o de que é através da sua própria ação que o mundo social é moldado, sem interferências sobrenaturais. Além disso, as utopias podem ajudar a pensar além das estruturas sociais existentes e a imaginar novas formas de organização da sociedade. Pode-se inferir então, a partir desta ideia que a utopia surge como resultado da percepção de que a sociedade é uma criação humana e, por conseguinte, pode ser transformada por meio de uma projeção previamente elaborada (BARRIEL, 2014). Contudo, as utopias também podem ser vistas como uma armadilha, na medida em que podem nos cegar para os problemas e desafios que enfrentamos no mundo real. Portanto, a ideia de utopia também pode ser criticada por ser irrealista ou impraticável.

A busca por uma sociedade idealizada pode levar a soluções extremas ou a uma falta de compreensão da complexidade do mundo real, tendo em vista que a utopia desafia o *status quo* (BARRIEL, 2014). Por isso, é importante ter em mente que a utopia não é uma solução fácil para os problemas do mundo real, mas que pode ser vista como um guia para ação e uma inspiração para a busca de um mundo melhor. Nesse sentido, Barriel (2014, p. 10) diz que “A utopia está ligada a todos os campos do saber humano: ela não poderia ter surgido, enquanto gênero, sem os procedimentos intelectuais que a precederam”.

A afirmação de que a utopia está conectada a todas as áreas do conhecimento humano sugere que a concepção utópica é resultado de um processo intelectual complexo e interdisciplinar. A criação de utopias requer uma compreensão profunda de diversas disciplinas, incluindo filosofia, política, história, literatura, entre outras. Além disso, tal afirmação ressalta que a utopia é uma criação que se baseia em procedimentos intelectuais anteriores, o que reforça a ideia de que ela é um resultado do acúmulo de conhecimento e pensamento crítico ao longo do tempo.

Porém, é preciso reconhecer que a busca por uma sociedade perfeita pode ser um processo desafiador e complexo. O desafio da utopia é encontrar um equilíbrio entre a idealização e a realização prática de uma sociedade justa e igualitária. Além disso, muitas vezes, o ideal utópico pode levar a conflitos entre diferentes visões de sociedade e pode exigir mudanças radicais na estrutura e na cultura existente. Nesse sentido, a utopia pode ser vista como um processo constante de questionamento, crítica e transformação da realidade. É importante lembrar que a utopia, embora possa ser vista como uma inspiração para a mudança social, não é uma solução final para os problemas do mundo, mas sim um incentivo para a reflexão crítica e a ação contínua.

Para alcançar a utopia, é necessário um comprometimento coletivo com a mudança social. Portanto, para Barriel (2014, p.18), “a utopia é, antes de qualquer coisa, um modo de enxergar a realidade social”. Ela não é apenas uma fantasia, mas um ideal que pode ser alcançado através da ação coletiva e da luta por mudanças sociais. As utopias também podem ser vistas como um elemento importante para a reflexão crítica sobre as estruturas sociais atuais. No entanto, existem aspectos negativos presentes na utopia, o perigo está em tentar construir uma sociedade utópica, deixando de lado a reflexão filosófica e literária que é essencial para a autonomia humana (BARRIEL, 2014). Em outras palavras, a tentativa de construir uma sociedade utópica real pode ser perigosa, pois pode levar à ignorância dos aspectos filosóficos e literários que são fundamentais para o desenvolvimento humano. Reforçando essa ideia, Barriel (2014, p. 19), afirma que

Se a utopia é uma sociedade perfeita, isso significa que ela não pode ser aperfeiçoada e nem se degradar, porque ambas as coisas pressupõem a imperfeição. Na prática, esta utopia significaria uma estática social, um mundo parado e eternizado em si mesmo. Isto é a u-cronia, ou ausência de tempo - uma impossibilidade. Podemos, no entanto, ir além: uma sociedade utópica real, para garantir sua existência estática, precisaria recorrer à eterna vigilância e a todas as formas de violência.

Em suma, a visão utópica é um importante exercício para a reflexão crítica sobre as estruturas sociais atuais e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. No entanto, é importante lembrar que a utopia não é um fim em si mesma e que tentar reproduzir uma sociedade baseada nesses parâmetros pode ser perigoso, podendo gerar uma perda nos aspectos filosóficos e literários que são fundamentais para a formação de uma sociedade livre e igualitária. É preciso, portanto, buscar um equilíbrio entre a busca pela utopia e a reflexão crítica sobre suas limitações e riscos. A construção de uma sociedade ideal só seria possível com o comprometimento coletivo com a mudança social e a constante busca por melhorias, sem nunca perder de vista a importância da reflexão crítica e da autonomia humana.

1.2 DISTOPIAS NA LITERATURA: UM OLHAR PARA NARRATIVAS DISTÓPICAS

Nesse cenário, é importante considerar que a distopia é um subgênero que se consolidou no século XX, mas suas raízes remontam a períodos anteriores. A obra *A República*, de Platão, é considerada por muitos também como um precursor das distopias, por apresentar uma sociedade utópica que, ao mesmo tempo, é regida por princípios totalitários e repressivos, uma vez que toda obra que se apresenta como utópica contém elementos que seriam vistos como distópicos, com a ascensão deste subgênero.

Compreender a história por trás da utopia é fundamental para se entender as ideias utópicas e distópicas na literatura e cultura em geral. A distopia no sentido negativo remonta a obra *Mundus Alter et Idem* (1600) que é o título de um romance satírico escrito pelo autor anglo-holandês Joseph Hall (MOISÉS, 2004). A obra é uma paródia das histórias de viagem populares na época. O livro descreve uma viagem imaginária a um mundo fictício chamado "Mundus Alter et Idem", que em latim significa "um mundo diferente e o mesmo".

Nesse mundo fictício, existem muitas semelhanças com o mundo real, mas com algumas diferenças satíricas e absurdas. Por exemplo, as pessoas que vivem em *Mundus Alter et Idem* são chamadas de "Eboracenses" (termo que remete à cidade de York, na Inglaterra) e possuem hábitos estranhos, como andar de cabeça para baixo e comer através de seus ouvidos. O romance também apresenta sátiras sobre a religião, política e sociedade da época, além de criticar a falta de tolerância e respeito pelos diferentes povos e culturas. O livro foi bem recebido na época de sua publicação, sendo uma obra de grande originalidade e criatividade. *Mundus Alter et Idem* é considerado, inclusive, um exemplo precoce de literatura de ficção científica e fantasia, e tem influenciado obras literárias posteriores, como *As Viagens de Gulliver* (1726), de Jonathan Swift. A interface entre a distopia e a ficção científica se tornaria recorrente.

Em *A Cidade do Sol* de Tommaso Campanella, publicado em 1602, é retratada uma sociedade ideal onde a felicidade e a harmonia são alcançadas mediante a inexistência de propriedade privada e a completa submissão do indivíduo ao coletivo. Essa obra é inicialmente percebida como uma utopia, no entanto, também evidencia uma opressão e repressão intensas dos cidadãos, antecipando, assim, os elementos essenciais das distopias contemporâneas.

Além de Tommaso Campanella, outros autores que contribuíram para a literatura distópica no século XVIII foram Jonathan Swift, com *Viagens de Gulliver* (1726), um romance satírico que conta a história de Lemuel Gulliver, um cirurgião e navegador que, em quatro viagens, visita lugares imaginários, onde encontra sociedades estranhas e surreais, criticando a sociedade britânica e os ideais políticos da época. Mesmo essa obra contendo elementos utópicos inicialmente, ela apresenta elementos próprios das distopias, como a exploração colonial, a corrupção política, a crueldade da guerra e a falta de ética na sociedade.

Outro escritor importante para evolução distópica foi Marquês de Sade, com seu romance *A Filosofia na Alcova* (1795), que aborda a libertinagem sexual em um contexto distópico e satírico, questionando as normas morais da época. Já o francês Denis Diderot, com seu ensaio filosófico *Supplément au voyage de Bougainville* (1796), apresenta uma sociedade utópica baseada na filosofia das Luzes e criticando os valores da sociedade europeia. Embora *Supplément au voyage de Bougainville* seja uma obra que apresenta uma sociedade utópica

baseada na filosofia das Luzes, ela também possui traços que seriam considerados distópicos que refletem a crítica do autor à sociedade europeia da época. Diderot expõe as desigualdades sociais, a opressão das mulheres e a violência colonial, o que sugere uma visão crítica e pessimista sobre a realidade da sociedade europeia. Embora a sociedade utópica criada por Diderot possa ser vista como um modelo ideal, a obra também destaca as contradições e injustiças da sociedade real, que o autor procura denunciar. Essas obras apresentam críticas contundentes à sociedade e às instituições da época, além de trazer elementos característicos da literatura distópica, como a subversão dos valores e a apresentação de uma sociedade opressora.

Para Dias (2020) é possível encontrar elementos que antecipam a ficção científica em mitos da Grécia Antiga, como a história de Ícaro, que constrói asas de cera para voar em direção ao sol, uma tecnologia primitiva que poderia ser comparada a uma viagem interplanetária ou intergaláctica, temáticas futurísticas que se tornariam comuns na distopia. Dias (2020), defende que alguns contos do escritor americano Edgar Allan Poe, também antecipam elementos da distopia, construídos pelas lentes da ficção científica.

Assim, obras de Edgar Allan Poe, em especial seus contos de ficção científica, possuem elementos que podem ser vistos como proto-distópicos. Segundo Dias (2020), em *Hans Pfaal* (1935), por exemplo, o personagem principal viaja para a lua em uma cápsula, em busca de um mundo melhor, mas acaba sendo confrontado com uma realidade sombria e desolada. *Eiros e Charmion* (1839) retrata um mundo pós-apocalíptico, onde a humanidade foi dizimada por um corpo celeste, refletindo o medo comum do século XIX em relação a desastres cósmicos, como colisões de cometas ou asteroides. *O colóquio de Monos e Uma* (1841), apresenta um diálogo entre duas entidades metafísicas que discutem o fim da humanidade. Todas essas obras apresentam elementos que viriam a ser considerados futuramente como distópicos, explorando temas como a solidão, a morte, a decadência e a fragilidade da vida humana, em um mundo que muitas vezes parece estar à beira do colapso.

Dias (2020) também ressalta que o conto “The New Utopia” [A nova utopia] (1891) do escritor inglês Jerome K. Jerome, é considerado um exemplo proto-distópico apresentando elementos do nicho viagem no tempo, próprio da ficção científica. Esta obra é ambientada em uma sociedade futurista na qual as pessoas vivem em uma cidade que se supõe ser perfeita, governada por um sistema político e social supostamente eficiente. No entanto, ao longo da narrativa, o personagem principal começa a questionar a natureza dessa sociedade entendida como utópica, e descobre que a sociedade é mantida em um estado de conformidade forçada, com indivíduos sendo controlados desde o nascimento até a morte. Esse tipo de crítica à utopia é uma característica comum na literatura distópica que critica regimes opressores.

De acordo com Figueiredo (2011), a ficção científica utiliza elementos de fantasia e comparação para ilustrar o que aconteceria se as promessas da ciência se concretizassem ou se determinada tecnologia pudesse ser desenvolvida. Dessa forma, a obra de Jerome K Jerome se encaixa na definição de ficção científica, já que utiliza elementos fantasiosos para retratar uma sociedade que seria possível com a concretização de avanços científicos e tecnológicos. Na sociedade de *The New Utopia*, a tecnologia é utilizada de forma inteligente e equilibrada, proporcionando uma vida pacífica e próspera para todos os habitantes. Além disso, a obra de Jerome também pode ser considerada como uma forma de crítica social, já que expõe os problemas e desigualdades da sociedade contemporânea através da criação de uma utopia ideal, mas que impõe limites aterradores aos cidadãos.

Samuel Butler foi um escritor britânico que também contribuiu para a literatura que seria considerada distópica, com seu romance *Erewhon* (1872). O livro apresenta um mundo em que a sociedade é governada por uma máquina capaz de detectar e punir qualquer pensamento ou comportamento considerado desviante – mais um caso de interface com a ficção científica. Butler questiona a capacidade da tecnologia em trazer felicidade e progresso à humanidade, propondo que o avanço científico pode levar a um controle totalitário sobre a sociedade. A obra de Butler teve grande influência na ficção científica do século XX e é considerada uma das precursoras do gênero distópico. O título dessa obra é um anagrama da palavra inglesa “nowhere” que pode ser traduzida como “lugar nenhum”, o que salienta o lado negativo da utopia.

O termo distopia começou a ser utilizado com mais frequência a partir do século XX, como uma forma de expressar as preocupações e medos que surgiram com a crescente industrialização e tecnologização da sociedade. Assim como a utopia produz narrativas literárias que se baseiam em um mundo imaginário, como é o caso da obra de More, a distopia é geralmente considerada um tipo de ficção científica, frequentemente retratando uma realidade futurista (SILVA, 2008). É o caso dos romances do escritor inglês H. G. Wells *A Máquina do Tempo* (1895) e *A Ilha do Dr. Moreau* (1896), ambos ficção científica que exploram temas relacionados à evolução, inteligência e natureza humana. *A Máquina do Tempo* (1895) é um romance de ficção científica que explora a ideia de viagem no tempo. O personagem principal, o Viajante do Tempo, constrói uma máquina que o leva ao ano 802.701 d.C., onde descobre a divisão da humanidade em duas raças: os Eloi e os Morlocks. O livro aborda temas como evolução, degeneração e a consequência da divisão da sociedade em classes. De acordo com Lira (2019), o romance de ficção científica *A Máquina do Tempo* é construído em torno de uma premissa insólita: a da viagem no tempo guiada pelo personagem principal, o Viajante do

Tempo, já que a ideia de viajar no tempo era algo completamente novo e inovador no final do século XIX, quando o livro foi publicado pela primeira vez. Além disso, a história apresenta uma visão distópica do futuro, algo que também era pouco comum na época.

A Ilha do Dr. Moreau (1896) conta a história de um cientista chamado Dr. Moreau que, em uma ilha remota, realiza experiências com animais, transformando-os em criaturas humanóides. O livro explora questões éticas e morais relacionadas à ciência e ao poder do homem sobre a natureza. A produção literária de H. G. Wells foi extensa e abrangeu diversos gêneros, incluindo a escrita utópica, (pós) apocalíptica e protodistópica. Suas obras mais conhecidas, como *A Máquina do Tempo* e *A Guerra dos Mundos* (1898), refletem uma visão pessimista sobre o futuro da humanidade (LIRA, 2019).

Tanto o conceito de utopia quanto o termo "distopia" apresentam ambiguidades e são difíceis de definir. Nesse sentido, os dicionários comuns não costumam oferecer informações suficientes sobre a palavra "distopia". Compreender tal conceito torna-se mais acessível por meio de pesquisas que exploram o utopismo literário, que caracteriza a distopia como uma forma de antiutopia, dado que tanto os prefixos "dis" quanto "anti" têm a finalidade de negar e se opor (SILVA, 2008). Apesar da dificuldade em definir o termo "distopia", é possível compreendê-lo como uma representação de um futuro sombrio e opressivo, em que as características negativas da sociedade são exacerbadas.

Diversos termos são empregados para se referir à distopia. Entre eles, alguns estudiosos, fazem uso de expressões como "contra-utopia", "não-utopia", "utopia negativa", "heterotopia", "cacotopia", todas com o intuito de criticar a própria ideia de utopia, por ser ela, impossível de se materializar (SILVA, 2008). Essas denominações, ao enfatizar a negação e a oposição em relação à utopia, permitem uma compreensão mais ampla da distopia e sua função crítica na literatura e na cultura popular. Além disso, evidenciam a importância da reflexão sobre os possíveis caminhos que podem levar a sociedades opressoras e desumanas, alertando sobre os perigos de idealizações utópicas que desconsideram a complexidade da natureza humana.

Bentivoglio (2019), sugere que a distopia não deve ser confundida com a antiutopia, já que não se trata simplesmente de um futuro sombrio, mas sim de um lugar deslocado, que pode estar presente em qualquer momento da história. Ao contrário da utopia, a distopia não é um lugar desejável ou sonhado, mas um espaço de contrariedade e privação. Dessa forma, a distopia pode ser vista como a subversão da possibilidade da utopia, apresentando uma visão distorcida e negativa do mundo que desafia nossas expectativas e nos faz repensar nossas crenças sobre a natureza humana e o progresso.

O romance *We (Nós)*, do escritor russo Yevgeny Zamiatin, publicado em 1922 é oficialmente considerado a inauguração da distopia. A obra apresenta uma sociedade altamente controlada e organizada, na qual os indivíduos são identificados apenas por números e vivem em um ambiente totalmente regulamentado. Através dos olhos do personagem principal, D-503, somos apresentados a um mundo no qual a individualidade é reprimida em prol da harmonia social. No entanto, D-503 começa a questionar esse sistema quando se apaixona por uma mulher que desafia as normas sociais. Segundo Pavloski (2017), em sua obra distópica, Zamiatin utiliza a sátira para criticar tanto o conceito de utopia como um modelo de sociedade perfeita, quanto a ação revolucionária que busca implementar esse modelo fixo e imutável. É importante salientar que obras de períodos anteriores, conforme apontado acima, já traziam em si aspectos que viriam a ser considerados como distópicos.

Ambientada em um futuro distante, a história se passa em um Estado Único, onde a vida dos indivíduos é controlada de forma rigorosa pelo governo, que busca eliminar a individualidade em nome do bem coletivo. A narrativa é conduzida pelo protagonista D-503, que trabalha como engenheiro na construção de uma nave espacial para a conquista de outros planetas. A obra apresenta uma crítica contundente aos regimes totalitários, principalmente ao regime soviético que estava em ascensão na época de sua publicação, e influenciou outros autores a explorarem o tema da distopia em suas obras.

A distopia se contrapõe à utopia, apresentando uma visão pessimista e crítica sobre o mundo em que vivemos. Nesse contexto, distopia ou antiutopia são consideradas representações de cenários reais caracterizados por dificuldades e falta de esperança, visto que a utopia representa um mundo imaginário e um ideal impossível de ser alcançado. Para Bentivoglio (2019), tanto a utopia quanto a distopia têm como objetivo desafiar os limites da realidade, criando novas relações de tempo e espaço e reimaginando o passado, presente e futuro. Na prática, ambas as formas de escrita buscam expandir a nossa compreensão do mundo, oferecendo novas possibilidades e perspectivas. Nesse viés, distopias ou antiutopias são mundos reais imaginados como desfavoráveis, em oposição à utopia que é vista como um mundo imaginário perfeito e inatingível (SILVA, 2008).

Para Liebel (2021) a configuração de um mundo distópico está localizada em um ponto intermediário entre a realidade atual é uma realidade idealizada, que está em um estado de declínio inevitável. Nesse cenário distópico, é comum se observar a presença de um regime opressor que busca manter o *status quo* e impedir qualquer possibilidade de mudança ou evolução. Nas distopias, é incomum encontrar a redenção através da salvação. Em vez disso, a habilidade de se adaptar e sobreviver é o que prevalece, permitindo que os personagens

convivam em ambientes degenerados e se desenvolvam. A resiliência é a força que impulsiona as ações e as experiências vividas pelos personagens nas distopias (LIEBEL, 2021). Em um contexto de mundo onde as estruturas sociais e os princípios éticos foram modificados, a habilidade de se adaptar e superar adversidades se torna crucial para garantir a sobrevivência. É por meio dessa capacidade que é possível encontrar um sentido e uma forma de resistir contra a opressão e a desumanização presentes nas distopias.

O romance distópico *Planeta dos Macacos* (1963), escrito pelo francês Pierre Boulle, conta a história de um grupo de astronautas que viajam para um planeta onde os macacos são a espécie dominante e os humanos são escravizados. O livro aborda temas como a evolução, a inteligência animal e a natureza humana. Como a maioria das citadas acima, da lavra de Wells, esta obra foi adaptada para o cinema e a televisão em várias ocasiões, tornando-as clássicos da cultura pop e da ficção científica distópica.

Como se percebe, a distopia se tornou um gênero literário e cinematográfico importante, explorando temas como controle governamental, autoritarismo, perda de liberdade, manipulação da informação e degradação ambiental. Embora o filme "Avatar" (2009) seja frequentemente considerado um exemplo de ficção científica e fantasia, ele também pode ser interpretado como uma distopia. O filme apresenta uma sociedade futurista, onde a Terra está em ruínas devido à exploração excessiva dos recursos naturais, e a humanidade busca uma nova fonte de energia em um planeta distante chamado Pandora. Essa associação da distopia com a ficção científica se deve, em grande parte, à produção de obras canônicas do gênero que se concentraram na primeira metade do século XX, época em que o mundo passou por transformações significativas impulsionadas pela ciência (SILVA, 2008). Nesse viés, essas obras distópicas refletem os medos e anseios da sociedade em relação ao futuro, especialmente no que diz respeito ao uso da tecnologia e ao controle do Estado sobre a vida das pessoas.

A ciência teve uma influência significativa no desenvolvimento do gênero distópico na modernidade, sendo que tal gênero foi fortemente moldado pelas circunstâncias históricas de tal momento (SILVA, 2008). As distopias, ao explorarem questões relacionadas ao poder, controle e opressão, permitem uma reflexão crítica sobre as consequências da aplicação indiscriminada da tecnologia e do autoritarismo na sociedade. Tendo em vista que apesar dos avanços proporcionados pela evolução tecnológica, o homem também sentia temor em relação aos possíveis perigos decorrentes dessa nova realidade. Sendo assim, Silva (2008, p.312) afirma que “a negatividade, característica marcante das distopias em geral, funciona como uma forma de se expressar uma visão das assimetrias e desigualdades encontradas no mundo contemporâneo”. Esses receios em relação à tecnologia e seus impactos na sociedade são

frequentemente explorados na literatura distópica, que alerta sobre os riscos de uma cultura obcecada pelo progresso tecnológico em detrimento da dignidade e liberdade humanas.

O século XX foi marcado por avanços significativos nas áreas das ciências e tecnologias, tais como a física nuclear, a biotecnologia e a informática, que transformaram radicalmente a forma como as pessoas vivem e se relacionam no mundo. Porém, ao mesmo tempo, essas mudanças também geraram uma série de preocupações e medos em relação aos possíveis perigos e implicações dessas novas tecnologias para a sociedade e o meio ambiente. Nesse sentido, a relação entre guerras e desastres humanitários com a literatura distópica se dá pela maneira como tais eventos influenciam a percepção e a imaginação do público em relação ao futuro.

Assim, Silva (2008, p.313) destaca que “essa transição da ficção utópica para a distópica é uma consequência da mudança no nível da percepção dos indivíduos, ou seja, a forma de aprender as dificuldades nos sistemas sociais e políticos se modificou”. Portanto, a literatura distópica surge como um reflexo do desencanto e pessimismo da sociedade, apresentando uma nova roupagem negativa para o que antes era um sonho utópico (SILVA, 2008). Essa nova forma de literatura se caracteriza por um enfoque realista e psicológico, refletindo as inseguranças e angústias da humanidade em relação ao futuro. A influência do contexto histórico na criação e recepção das distopias é destacada pela seguinte citação que afirma:

É o terror da Primeira Guerra Mundial, as potencialidades das armas de destruição em massa, a paranoia e uma cultura de exceção que permeia a Europa a partir de 1914 que parecem ser as matrizes mais seguras para o condicionamento distópico. É a configuração de uma mentalidade de guerra total, como o conjunto dos trabalhos produzidos pelos historiadores do Historial de Péronne deixam claro, que prepara o terreno para a produção e a recepção desse gênero literário (LIEBEL, 2021, p. 199).

A literatura distópica, em particular, explorou essas questões em muitas de suas obras, abordando temas como o controle do Estado sobre a vida das pessoas, a perda de privacidade e liberdade, o uso indiscriminado da tecnologia para fins militares ou comerciais, e a ameaça de catástrofes ambientais e biológicas. Na sociedade atual, a crença na utopia foi enfraquecida por diversos fatores, entre eles, as migrações internacionais. Como sugere Silva (2008), durante muito tempo, o continente americano foi visto como o local ideal para a realização do sonho utópico, um lugar que simbolizava o "não-lugar". No entanto, as migrações em massa evidenciaram as desigualdades e os conflitos sociais que permeiam a busca pela utopia, contribuindo para minar a crença nesse ideal. Assim, a utopia deixou de ser vista como uma possibilidade real e passou a ser interpretada como uma ilusão, um sonho inatingível, contribuindo para o fortalecimento da literatura distópica na contemporaneidade.

Nas distopias literárias modernas se destacam também *Admirável Mundo Novo* (1932), do inglês Aldous Huxley, bem como *Animal Farm* (1945) e *1984* (1949), de Orwell, as quais salientam os estados totalitários que são pilares característicos de um lugar distópico. A análise das obras *Admirável mundo Novo* e *1984* evidencia a recorrência da presença de estados totalitários como um elemento característico das distopias literárias modernas. É notório que a construção desses governos autoritários nas obras apresentadas tem como objetivo retratar os riscos da centralização excessiva do poder, o que pode levar a graves violações de direitos humanos e à anulação da individualidade. Ainda assim, apesar de sua natureza ficcional, tais obras são reflexos de problemas sociais e políticos reais que persistem na atualidade. Dessa forma, a literatura distópica não só cumpre seu papel de entretenimento, mas também pode ser uma ferramenta para a reflexão crítica sobre questões fundamentais da sociedade.

Brave New World ou *Admirável Mundo Novo* de Aldous Huxley, é uma das mais importantes obras da literatura distópica. A história se passa em um futuro hipotético no qual a sociedade é organizada em castas pré-determinadas e controlada por um governo que manipula a vida das pessoas desde o seu nascimento. O romance de Huxley explora temas como a busca pela felicidade, a liberdade individual, a tecnologia, a ciência e a manipulação genética. Através da obra, o autor questiona as consequências da sociedade moderna em que o ser humano é reduzido a um mero objeto e, por isso, desumanizado. *Brave New World* é um alerta para a humanidade sobre as ameaças que as tecnologias e o progresso podem trazer, caso não haja uma reflexão ética sobre os seus limites.

Hilário (2013, p. 207) afirma que “em *Admirável Mundo Novo*, escrito em 1932, Huxley dissecou uma das maiores características de nosso tempo, a saber, da entrada dos mecanismos de produção social no interior dos indivíduos”. Já Burgess (1996, p.257-258) analisa que “*Admirável Mundo Novo* satirizava brilhantemente as utopias de H. G. Wells, mostrando que, se o homem se tornasse completamente feliz, e a sociedade, completamente eficiente, deixaria de ser humano e se tornaria intolerável”. Em suma, *Admirável Mundo Novo* é uma obra que apresenta uma sociedade condicionada para manter a ordem e a eficiência do sistema, porém essa perfeição social acarreta a perda da essência humana e torna-se intolerável.

Animal Farm [*A Revolução dos Bichos*] (1945), por sua vez, de George Orwell é um romance que narra a história de uma revolta de animais em uma fazenda, que resulta na criação de uma sociedade utópica. No entanto, a utopia rapidamente se transforma em uma distopia, pois os porcos, que lideraram a revolução, se tornam cada vez mais autoritários e opressivos. A obra é uma crítica mordaz ao comunismo soviético e às tendências autoritárias de regimes políticos que se estabeleceram após as revoluções. *Animal Farm* é uma obra literária que vai

além de sua narrativa simples, é uma alegoria política profunda, que aborda temas complexos como a natureza da revolução e a natureza humana. É uma crítica mordaz ao comunismo soviético e uma advertência sobre os perigos do autoritarismo.

Já *1984* também escrito por Orwell, se tornou um marco na literatura distópica. O livro apresenta uma sociedade governada pelo partido único e liderada pelo "Grande Irmão", que controla todos os aspectos da vida dos indivíduos, incluindo pensamentos, emoções e comportamentos. A obra se destaca pela sua crítica política e social, abordando temas como vigilância, manipulação da mídia, censura e controle do Estado sobre a vida privada dos cidadãos. Além disso, o livro popularizou o conceito do "Big Brother", que se refere a uma figura autoritária que controla e vigia as pessoas. *1984* continua sendo uma obra atual e relevante, inspirando discussões sobre democracia, liberdade individual e o papel do Estado na sociedade. Vale destacar ainda, a obra *Revolução dos Bichos* (1945) também de Orwell que é uma sátira política que conta a história de animais que se rebelam contra seus donos humanos, mas acabam sendo traídos por seus próprios líderes por meio de uma série de manipulações e traições. A obra critica o totalitarismo e a corrupção política, e destaca a importância da luta pela liberdade e igualdade.

A relação entre história e ficção na literatura, demonstra como fatos históricos influenciam na produção literária de determinada época. Nesse sentido, vale destacar a influência dos governos totalitários, em especial o nazismo de Hitler, nas obras de George Orwell, cujo trabalho se configura como uma crítica ferrenha ao totalitarismo e à opressão política. Assim, pode-se dizer que a ficção é uma forma de retratar a realidade e de denunciar os abusos e injustiças que ocorrem no mundo, sendo influenciada diretamente pelos acontecimentos históricos que a cercam. Embora as distopias frequentemente desenvolvam cenários futuristas distantes dos tempos em que foram escritas, é comum notar que as exageradas visões pessimistas dessas obras têm raízes em fatos concretos da realidade (SILVA, 2008). Dessa forma, essa relação entre ficção distópica e a realidade revela a capacidade da literatura em refletir e criticar os problemas sociais e políticos do mundo. Por esse viés, Bentivoglio (2019, p.27) sugere que

A história, como a utopia ou a distopia, requer elementos de realismo capazes de conferir o reconhecimento dos leitores. Mas, enquanto as utopias históricas construíram passados felizes, lugares desejados, localizados, pacíficos e aceitos, a distopia parece surgir como um deslugar preocupante, marcado por incertezas e indesejado.

A afirmação de que o conteúdo da ficção distópica está diretamente relacionado aos estudos de críticos sociais e culturais como Nietzsche, Freud, Bakhtin, Adorno, Foucault,

Habermas e muitos outros é uma ideia que tem sido explorada por muitos pesquisadores da literatura e das ciências sociais. Isso se deve ao fato de que a ficção distópica geralmente apresenta uma visão sombria do futuro, em que as estruturas sociais e políticas foram corrompidas ou substituídas por sistemas opressivos. Entre os autores citados, vale ressaltar Freud, uma vez que os seus trabalhos sobre o inconsciente e a psicologia da massa podem ser vistos como relevantes para a análise da ficção distópica, já que muitas dessas obras exploram temas como controle mental e lavagem cerebral. Portanto, para Silva (2008) há uma forte conexão entre a história política e social do mundo moderno e a história literária da ficção distópica. Assim, pode-se afirmar que a evolução da ficção distópica está fortemente ligada aos acontecimentos históricos e políticos do mundo moderno.

A relação entre a ficção distópica e os estudos sociais e culturais é um tema que também é abordado por George Orwell em suas obras. Autor de *1984* e *Animal Farm*, Orwell utiliza a ficção distópica como uma ferramenta para explorar as consequências de regimes totalitários e de uma sociedade controlada pelo Estado. Suas obras são notáveis pela sua crítica à manipulação governamental e pela defesa dos direitos individuais e da liberdade de expressão. A influência de Orwell pode ser vista em muitos dos trabalhos distópicos contemporâneos que seguem os mesmos temas e preocupações. Sua importância para a ficção distópica é inegável, já que ele não apenas estabeleceu novos padrões para o gênero, mas também mostrou como a ficção pode ser usada para alertar sobre perigos reais da sociedade.

Já as obras distópicas da literatura de massa, a exemplo de *Fahrenheit 451* (1953), do americano Ray Bradbury, *One* (1953) do romancista e escritor de televisão americano David Karp, *The Wanting Seed* (1963) e *A Clockwork Orange* (1965) do inglês Anthony Burgess são representativas do movimento literário conhecido como ficção distópica. Este gênero literário apresenta sociedades imaginárias onde a vida é retratada como difícil e opressiva, muitas vezes governada por regimes totalitários ou autoritários.

Fahrenheit 451, é uma obra que retrata uma sociedade distópica onde os livros são proibidos e a informação é controlada pelo Estado. A narrativa acompanha a jornada do bombeiro Guy Montag, que é responsável por queimar livros, mas começa a questionar o sistema que o rodeia após conhecer sua nova vizinha, Clarisse. A obra aborda temas como a liberdade de expressão, o papel da tecnologia na sociedade, a importância da literatura e a manipulação da informação. Além disso, "Fahrenheit 451" é uma crítica à sociedade americana da época da Guerra Fria, em que a censura e o controle da informação eram preocupações constantes. De acordo com Pinto (2012), a distopia de Bradbury se destaca por sua singularidade, uma vez que, ao contrário de Huxley e Orwell, cujas obras foram influenciadas

pelos regimes totalitários, Bradbury identificou o surgimento de uma forma mais sutil de totalitarismo, associada à indústria cultural, à sociedade de consumo e à moral do senso comum.

A obra *One*, é um romance distópico que retrata uma sociedade futurista e totalitária, em que a individualidade é reprimida em prol do bem-estar coletivo. O livro apresenta um protagonista anônimo, que vive em um mundo onde as pessoas são identificadas apenas por números e estão sujeitas a um sistema rigoroso de controle social. Através da história do personagem, Karp explora temas como a perda da identidade pessoal, a alienação social e a luta pela liberdade individual em um ambiente opressivo. Com sua narrativa densa e perturbadora, *One* é uma crítica contundente às tendências autoritárias da sociedade moderna, alertando para os perigos de uma cultura que prioriza a conformidade em detrimento da diversidade humana.

The Wanting Seed, é ambientado em uma Inglaterra superpopulosa, em que a escassez de alimentos é controlada pelo governo através de um programa de controle de natalidade e pela promoção do homossexualismo. A história segue a vida de Tristram Foxe, um professor universitário que vive em um mundo em que a sexualidade é encorajada como uma forma de reduzir a população, enquanto a educação e a cultura são suprimidas. Com sua narrativa ácida e provocadora, Burgess questiona os valores da sociedade e as consequências de políticas de controle populacional, bem como a natureza da liberdade e da individualidade humana. Através de um tom satírico, a obra critica as instituições governamentais e as políticas de controle de natalidade, explorando a complexidade dos dilemas éticos que surgem quando a população supera os recursos disponíveis.

A Clockwork Orange, também de autoria de Burgess e publicada em 1965, é uma obra distópica que explora temas como violência, livre-arbítrio e manipulação governamental. Ambientada em um futuro sombrio, a narrativa é conduzida por Alex, um jovem sociopata que lidera um grupo de delinquentes juvenis em uma série de atos violentos. Após ser preso, Alex é submetido a um experimento governamental que visa "curá-lo" de sua violência, mas que acaba por privá-lo de sua liberdade de escolha e identidade pessoal. A obra questiona a natureza da liberdade humana, bem como as consequências de políticas governamentais extremas que buscam controlar o comportamento individual. Através de sua linguagem inventiva e de sua narrativa inovadora, *A Clockwork Orange* é uma crítica mordaz às tendências autoritárias da sociedade moderna, alertando para os perigos da manipulação e do controle governamental excessivo.

Em conclusão, a ficção distópica se mostra como uma forma de reflexão sobre as possíveis consequências de tendências atuais e futuras da sociedade. Por meio de mundos imaginários e personagens complexos, os autores são capazes de explorar temas atemporais e

pertinentes, questionando o papel do indivíduo na sociedade, a natureza da liberdade e os limites da autoridade governamental. As obras mencionadas durante esse capítulo são apenas alguns exemplos do poder da ficção distópica em provocar reflexões críticas sobre a sociedade.

2. ASPECTOS DA POÉTICA DE GEORGE ORWELL

2.1 GEORGE ORWELL: VIDA E OBRA

Eric Arthur Blair (Futuramente conhecido por George Orwell) nasceu em 25 de junho de 1903, em Motihari, na Índia Britânica. O pai de George Orwell, Richard Blair, trabalhava como agente do Serviço Civil Indiano na Índia Britânica. Esse cargo era comum entre os britânicos que trabalhavam na Índia colonial e tinha como objetivo manter o controle da administração local. Já a mãe de Orwell, Ida Mabel Blair, era filha de um comerciante francês e de uma inglesa. Orwell tinha duas irmãs, Marjorie nascida em 1898 e Avril, nascida em 1908. A mistura de culturas na qual Orwell cresceu pode ter influenciado em seu interesse pela diversidade cultural e pelas desigualdades sociais. Apesar de ter nascido na Índia Britânica, Orwell passou boa parte de sua vida na Inglaterra. Mais tarde, ele teve a oportunidade de estudar no renomado colégio Eton (reduto da família real britânica e da aristocracia local), o qual é a preferência da elite britânica que almeja ingressar nas renomadas universidades de Cambridge ou Oxford.

O impacto do colégio Eton na vida e obra de George Orwell é um tema recorrente na crítica literária. Orwell frequentou a escola entre 1917 e 1921 e suas experiências na instituição influenciaram profundamente sua visão de mundo e sua produção literária. Em sua obra autobiográfica, *Such, Such Were the Joys* (Tais foram os prazeres, 1952), Orwell descreve a cultura de *bullying* e crueldade que prevalecia em Eton, bem como as hierarquias sociais e o ceticismo que desenvolveu em relação à ideia de igualdade.

Em 1922, Orwell ingressou na Polícia Imperial Indiana, servindo na Birmânia (atual Myanmar) como subinspetor da polícia até 1927. Por ter sido muito jovem na época da Primeira Guerra Mundial (1914-1918), ele foi afortunado em não ter que participar do conflito, no qual inúmeros membros de uma geração intelectual brilhante perderam suas vidas. Posteriormente, em sua escrita, ele expressou que a crueldade da guerra não se limita somente às mortes de civis nos campos de batalha, mas também à perda dos indivíduos mais talentosos e promissores da sociedade.

A colonização trouxe consigo lições importantes, incluindo o surgimento da literatura, que foi representada na forma de romance em *Burmese Days* (Dias da Birmânia), publicado em 1934. No entanto, a experiência colonialista também resultou em um período de extrema pobreza para o autor, que, ao retornar da Birmânia em 1927, não tinha emprego nem perspectivas. Ele optou por passar dois anos em Paris, durante um período de efervescência

criativa nas artes e comportamento, embora tivesse dificuldades para aproveitá-lo. Para sobreviver, ele trabalhou como professor em escolas e como vendedor em livrarias. Em 1929, durante a crise econômica, ele retornou a Londres, onde continuou a carreira de resenhista de livros, que manteve até o final de sua vida. Esses anos de trabalho temporário e dificuldades serviram de inspiração para o livro de memórias *Down and Out in Paris and London* (Na pior em Paris e Londres, 1933), seu relato sobre a vida da população sem-teto nessas duas cidades. De forma irônica, Orwell teve sua percepção política influenciada não pelo colonialismo ou pela pobreza na Ásia, mas sim pelo convívio com os marginalizados e desempregados das sociedades europeias.

Em 1936, George Orwell se casou com Eileen O'Shaughnessy, união que teve uma grande influência em sua vida e obra, apesar das inúmeras dificuldades financeiras e de saúde que o casal enfrentou. Ainda no mesmo ano, Orwell foi contratado pelo editor Victor Gollance para visitar áreas afetadas pelo desemprego em Lancashire e Yorkshire, com o objetivo de descrever a situação em seu livro *Road to Wigan Pier*, publicado em 1937, que é um misto de ensaio político, crônica social e memórias autobiográficas. A partir de 1937, o autor se tornou repórter e abraçou publicamente suas crenças socialistas, participando ativamente da Guerra Civil Espanhola e se juntando ao lado republicano, além de se filiar a um partido político marxista que se opunha ao stalinismo. No entanto, durante um combate, Orwell foi gravemente ferido e forçado a se retirar da luta, testemunhando de longe a ascensão dos grupos comunistas que ordenaram a dissolução de partidos e a perseguição de oponentes políticos.

Sendo assim, essa experiência deixou em Orwell um sentimento de profunda derrota, frustração e pessimismo em relação aos ideais e teorias políticas discutidos na época. A partir dessas experiências, o autor desenvolveu uma compreensão mais profunda das tensões sociais e políticas que permeiam as relações humanas, e que são exploradas em muitas de suas obras literárias. Devido a sua saúde frágil, Orwell é recusado para servir na Segunda Guerra Mundial e sua única opção para participar do conflito é trabalhar como repórter para uma agência de informações britânica. Incapaz de lutar, Orwell substitui a farda pela caneta, e de 1940 a 1945, ele se dedica a escrever ensaios políticos que o estabelecem como um crítico consciente e implacável. Em um ensaio escrito em 1940, intitulado *Inside the Whale* (Dentro da Baleia), ele observou que o desemprego era o fator que levava as pessoas a aderirem ao comunismo, muito mais do que uma crença nas teorias de Marx e Engels.

De acordo com a Davison (2013), Orwell afirmou que nunca foi afiliado a um partido político, mas havia mencionado em um texto intitulado "Por que entro para o ilp", escrito em 24 de junho de 1938, que por um breve período ele havia sido membro do Partido Trabalhista

Independente. Ele deixou o partido quando a guerra começou, já que a organização se manteve pacifista. No entanto, é possível que ele tenha esquecido ou tentado ocultar sua filiação ao partido como uma forma de se distanciar. O impacto da possível filiação de George Orwell ao Partido Trabalhista Independente pode ser visto em suas obras literárias, que frequentemente abordam temas políticos e sociais. Futuramente em suas obras, Orwell critica duramente regimes totalitários e faz uma reflexão sobre a natureza do poder e do controle sobre a sociedade. É possível que sua experiência como membro de um partido político tenha influenciado suas visões sobre o poder e a política, e contribuído para a criação de personagens e narrativas que questionam a autoridade e o papel do Estado. A investigação sobre a possível filiação de Orwell ao Partido Trabalhista Independente pode trazer novos *insights* sobre sua obra e ajudar a compreender melhor suas visões políticas e filosóficas.

George Orwell trabalhou como editor e colunista do jornal britânico *Tribune* de 1943 a 1947, período que coincidiu com a Segunda Guerra Mundial e com os primeiros anos da Guerra Fria. Durante sua estadia no jornal, ele escreveu várias críticas políticas e sociais, que foram bem recebidas por seus leitores e tornaram-se influentes em seu tempo. Orwell usou seu cargo no *Tribune* para expressar suas opiniões sobre temas como o imperialismo britânico, a classe trabalhadora, o socialismo e a democracia. Ele também escreveu sobre sua experiência durante a Guerra Civil Espanhola e suas críticas ao comunismo soviético. Além do seu trabalho no *Tribune*, Orwell também enfrentou um grande desafio pessoal durante esse período, que foi a morte de sua primeira esposa, Eileen O'Shaughnessy. Eileen morreu inesperadamente em 1945, deixando Orwell devastado.

Seu trabalho no *Tribune*, juntamente com seus romances distópicos *Animal Farm* (A Revolução dos Bichos, 1945), e *1984* (1949), o tornaram um dos mais influentes críticos do totalitarismo na história. Além de suas críticas políticas, Orwell também publicou resenhas de livros e artigos culturais no *Tribune*. Ele foi um forte defensor da literatura popular, acreditando que deveria ser acessível a todos, independentemente de sua formação educacional. Suas críticas literárias também são lembradas por sua honestidade e franqueza. Assim, o trabalho de Orwell no *Tribune* foi fundamental para seu desenvolvimento intelectual e para a difusão de suas ideias. Suas críticas políticas e literárias contribuíram significativamente para o debate cultural e político de sua época e continuam sendo relevantes até hoje. Dessa forma, Pires (2017, p. 134) destaca que

Como seu trabalho em geral, assim como a sua obra-prima que é *1984*, é de fato, em termos de linguagem narrativa, uma autobiografia em terceira pessoa, narração que mistura realidade com um ensaio político como também um sonho alegórico e dramático. O livro transformou-se no foco de certa irritação quanto ao mundo criado

por Orwell no contexto da época, o período imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial.

Ainda sobre a obra *1984*, é possível notar que a linguagem narrativa utilizada por Orwell é extremamente precisa e direta, sendo capaz de transmitir ao leitor a sensação de opressão e falta de liberdade que permeiam todo o enredo. Além disso, o autor utiliza diversos recursos literários, como a criação de neologismos e a inversão da ordem das palavras, para enfatizar a complexidade e a ambiguidade desse universo distópico que ele criou. Dessa forma, a obra de Orwell não se trata apenas de uma ficção científica, escrita pelo viés distópico – como é comum essa interface entre ambos os gêneros - mas também de uma reflexão profunda sobre a natureza da política, do poder e da liberdade individual.

De acordo com Pavloski (2014), na literatura do século XX, Aldous Huxley e Eugene Zamiatin, este último, autor de *Nós* (1922), apresentam semelhanças estéticas e temáticas. Embora seja evidente que *O Admirável Mundo Novo* (1932), de Huxley, influenciou Orwell por apresentar uma sociedade distópica, na qual o governo mantém controle total sobre as pessoas, manipulando a verdade e a realidade para manter a população sob controle, é possível afirmar que *Nós* de Zamiatin teve um impacto mais profundo sobre o autor e pode ter ajudado a consolidar sua ideia de escrita em *1984*. Orwell (1968, p.74, tradução nossa) enfatiza que "A obra de Zamiatin, em geral, é mais relevante para a nossa situação atual.²" Ainda, é possível fazer essa associação nas palavras do próprio Orwell ao comparar as duas obras:

Mas embora o livro de Zamiatin seja menos bem estruturado - ele tem uma trama um pouco fraca e episódica que é muito complexa para resumir - ele tem um ponto político que falta ao outro. No livro de Huxley, o problema da "natureza humana" é resolvido em certo sentido, porque assume que, por meio de tratamento pré-natal, drogas e sugestão hipnótica, o organismo humano pode ser especializado de qualquer maneira desejada³ (ORWELL, 1968, p.73, tradução nossa).

É importante levar em conta certas características da escrita de Orwell que não apenas a distinguem de seus predecessores, mas também indicam o percurso que o levou a criar sua distopia em estudo. As obras literárias de George Orwell sempre estiveram intimamente ligadas às suas vivências pessoais (PAVLOSKI, 2014). Essa relação entre a vida pessoal de George Orwell e sua obra distópica é especialmente evidente em *1984*, na medida em que a história se passa em um futuro opressor e autoritário. Esse retrato sombrio do futuro foi influenciado pelas experiências de Orwell na Guerra Civil Espanhola e em sua percepção das ameaças totalitárias

² Citação original: "Zamyatin's book is on the whole more relevant to our own situation" (ORWELL, 1968, p.74).

³ Citação original: "But though Zamyatin's book is less well put together—it has a rather weak and episodic plot which is too complex to summarise—it has a political point which the other lacks. In Huxley's book the problem of "human nature" is in a sense solved, because it assumes that by pre-natal treatment, drugs and hypnotic suggestion the human organism can be specialised in any way that is desired" (ORWELL, 1968, p.73).

que surgiam no mundo na época em que ele escreveu o livro. Dessa forma, a literatura de Orwell é um reflexo de sua visão de mundo e de suas crenças políticas, tornando-se uma ferramenta poderosa para expressar sua crítica social e política.

George Orwell casou-se novamente em 1949, com Sonia Brownell, que na época era uma jovem editora literária. O casamento aconteceu pouco antes da morte de Orwell, em 1950, e durou apenas alguns meses. No entanto, o relacionamento entre Orwell e Brownell foi intenso e apaixonado, e é considerado um dos romances mais trágicos da história literária. Sonia Brownell era conhecida por sua beleza e inteligência. Ambos se conheceram em 1945, quando ela tinha 24 anos e ele 42. Eles se reencontraram em 1949, quando Brownell se ofereceu para ajudar Orwell a pesquisar para seu livro *1984*. O relacionamento deles rapidamente se transformou em um romance, apesar da desaprovação de amigos e familiares. O casamento entre Orwell e Brownell aconteceu em outubro de 1949, em um hospital onde Orwell estava internado para tratar de sua tuberculose. Pouco depois, Orwell faleceu, deixando Brownell viúva aos 27 anos de idade.

George Orwell foi uma figura importante na história literária e política do século XX, e seu tempo no Tribune foi fundamental para o desenvolvimento de suas ideias e visões de mundo. Sua crítica política e social, combinada com sua habilidade literária, permitiu que ele se tornasse um dos mais influentes escritores do seu tempo. Seu legado continua a influenciar a política, a literatura e a cultura popular até hoje.

2.2 AS PRINCIPAIS OBRAS DE ORWELL ATÉ 1984

O estilo de escrita de George Orwell é conhecido por sua simplicidade e clareza, que são características essenciais de sua poética. O autor utiliza uma linguagem acessível e direta para transmitir suas ideias e críticas sociais, o que torna sua escrita fácil de ser compreendida pelo público em geral. Além disso, ele é conhecido por sua habilidade em construir narrativas envolventes e realistas, que se baseiam em sua própria experiência e observação do mundo. De acordo com Roncatto (2011), a geração de Orwell foi profundamente influenciada pelos conflitos ideológicos e revolucionários que permearam a Europa, com a presença de teorias socialistas, liberais, totalitárias e étnicas. Considerando o contexto histórico em que viveu George Orwell, pode-se afirmar que as ideologias políticas que permearam a Europa no século XX tiveram um impacto significativo em sua obra literária. As teorias socialistas, liberais, totalitárias e étnicas que influenciaram a vida política do continente também deixaram marcas

na produção literária do autor, que abordou temas como opressão, censura, vigilância e autoritarismo em suas obras.

George Orwell é um autor conhecido por sua capacidade de criar obras literárias que abordam questões sociais e políticas de seu tempo. Entre suas obras mais significativas, destacam-se ensaios como *A Hanging* (1931), *Shooting an Elephant* (1936), *Politics and the English Language* (1947), *The Prevention of Literature* (1947), *Why I Write* (1947) e *Reflections on Gandhi* (1950), que exploram temas como o imperialismo britânico na Índia e a resistência pacífica de Mahatma Gandhi. Além disso, Orwell também é conhecido por seus romances, como *Burmese Days* (1934), *A Clergyman's Daughter* (1935), *Keep the Aspidochelone Flying* (1936), *Coming Up for Air* (1939), *Animal Farm* (1945) e *Nineteen Eighty-Four* (1948). Essas obras retratam de forma crítica e realista a sociedade e a política de seu tempo, explorando temas como a opressão governamental, a alienação social e a luta pela liberdade. Por meio de seus ensaios e romances, George Orwell deixou um legado literário significativo, que continua a inspirar reflexões e debates até os dias de hoje.

O ensaio *A Hanging* de George Orwell, no Português “Um Enforcamento” é uma reflexão sobre a natureza da pena de morte e a brutalidade da execução de um homem. Publicado em 1931, o ensaio é uma narrativa em primeira pessoa que descreve a experiência de Orwell ao testemunhar uma execução durante seu serviço como funcionário público na Birmânia. Ele descreve vividamente os detalhes da cena, desde o som dos passos do condenado até o momento em que ele é enforcado, e reflete sobre a desumanidade da pena capital. Orwell questiona a moralidade da pena de morte e a necessidade de uma sociedade civilizada recorrer a ela. O ensaio é um estudo contundente sobre a crueldade e a injustiça inerentes à pena de morte e uma defesa da humanidade e do valor da vida humana. Uma passagem dessa obra que exemplifica seu contexto é a seguinte:

É curioso, mas até aquele momento eu jamais me dera conta do que significava matar um homem saudável e consciente. Quando vi o prisioneiro pisar de lado para desviar da poça d'água, percebi o mistério, a injustiça execrável de interromper uma vida no auge. Aquele homem não estava agonizando, estava tão vivo quanto nós. Todos os órgãos de seu corpo funcionavam — os intestinos digeriam o alimento, a pele se renovava, as unhas cresciam, tecidos se formavam —, todos trabalhavam duro numa solene sandice. As unhas continuariam a crescer quando ele estivesse no alçapão, quando estivesse caindo no ar com um décimo de segundo para viver. Os olhos tinham visto o cascalho amarelo e as paredes cinzentas, e o cérebro ainda se lembraria, anteveria, pensaria — pensaria até sobre poças d'água (ORWELL, 2005, p.53-54)

Nessa citação, Orwell descreve a brutalidade da execução e como ela afeta não apenas o homem que está sendo executado, mas também as pessoas que o rodeiam. Ele enfatiza a humanidade do condenado, destacando que ele está vivo como qualquer outra pessoa e que a

execução é uma forma de cortar sua vida prematuramente. Através dessas palavras, Orwell transmite sua visão sobre a desumanidade da pena de morte e seu desejo de abolir essa prática. Esse ensaio é um exemplo do impacto das experiências pessoais de Orwell em sua literatura. Orwell usou suas vivências e observações para criar uma narrativa poderosa que criticava a pena de morte, o imperialismo britânico e a opressão em geral.

Em 1934, George Orwell publica o romance *Burmese Days* ou “Dias na Birmânia”, sendo um romance que retrata a vida de um oficial britânico na Birmânia colonial. O livro é uma crítica ao imperialismo britânico e à sua exploração das culturas locais. O enredo gira em torno do personagem principal, John Flory, que luta contra a solidão e o isolamento em uma sociedade racista e opressora, enquanto se envolve em um relacionamento com uma jovem birmanesa. A obra oferece uma perspectiva única sobre as tensões culturais e políticas que marcaram a era colonial britânica na Birmânia e é considerada uma das mais importantes críticas à colonização e exploração imperialista na literatura inglesa.

O livro explora como a pressão social e as expectativas culturais podem entrar em conflito com os valores e convicções pessoais de um indivíduo. Assim, segundo Claeys (2017, p.394, tradução nossa), “seu romance, *Burmese Days* (1934), é o primeiro momento em que ele retrata a justaposição da retidão moral individual com a conformidade de grupo como um tema central”⁴. Sendo assim, a história do protagonista John Flory, que se sente isolado e incompreendido em uma sociedade colonial racista e opressiva, é um exemplo dessa tensão entre a vontade individual e as normas coletivas. Ao retratar esse conflito, Orwell levanta questões profundas sobre a natureza da identidade e da ética, e como elas são afetadas pelos valores coletivos de uma cultura ou sociedade.

A *Clergyman's Daughter* (A Filha do Reverendo) é um romance publicado em 1935. A história gira em torno da personagem principal, Dorothy Hare, filha de um vigário de uma pequena cidade inglesa. Dorothy é retratada como uma jovem solitária e descontente, lutando para encontrar um sentido para sua vida. A narrativa descreve a jornada de Dorothy, enquanto ela experimenta uma série de eventos que desafiam suas crenças e valores, e a levam a questionar a hierarquia social e o papel da religião em sua vida. A obra é uma crítica contundente à sociedade inglesa do período entre-guerras, e é considerada uma das obras mais pessoais de Orwell.

Já a obra *Keep the Aspidistra Flying* (Mantenha o Sistema) é um romance publicado em 1936 que trata da luta de um poeta em busca de independência financeira e liberdade pessoal

⁴ Citação original: “His novel, *Burmese Days* (1934), is the first moment when he portrays the juxtaposition of individual moral rectitude to group conformity as a central theme” (CLAEYS, 2017, p. 394).

em uma sociedade que valoriza o dinheiro acima de tudo. Através do personagem Gordon Comstock, o autor explora temas como a alienação, a desigualdade social, a desumanização do trabalho e a perda da identidade em um mundo cada vez mais capitalista. A história se passa em Londres durante os anos 1930 e retrata de forma realista as dificuldades enfrentadas pelos jovens intelectuais da época, que buscavam uma vida de significado em meio a uma sociedade consumista e materialista. Orwell constrói um retrato complexo e crítico da vida urbana na Inglaterra do período entre-guerras, oferecendo uma reflexão profunda sobre o valor do dinheiro e o verdadeiro significado da felicidade:

A maioria dos leitores raramente se depara com duas obras que Orwell mais tarde considerou inferiores, *The Clergyman's Daughter* (1935) e *Keep the Aspidistra Flying* (1936). No entanto, o primeiro trata da perda da crença religiosa, mais tarde um tema central para Orwell, enquanto o último é um estudo interessante dos perigos de ser empobrecido, classe média baixa e desesperadamente pressionado pelo sistema. Psicologicamente, também são interessantes, já que são habitados por personagens tímidos, solitários e mal ajustados, mal adaptados para enfrentar os desafios da época[...]” (CLAEYS, 2017, p. 394 - 395, tradução nossa).

O ensaio *Shooting an Elephant* (Atirando num Elefante, 1936) de Orwell é uma obra clássica da literatura inglesa que aborda questões de poder, colonialismo e moralidade.. Nela, Orwell relata a experiência de ser um oficial imperial britânico na Birmânia e como a pressão social e as expectativas de seu papel o levam a tomar uma decisão moralmente questionável: atirar em um elefante selvagem. O ensaio apresenta uma reflexão profunda sobre o poder e suas implicações, bem como a complexidade da tomada de decisões em situações de conflito moral. Segundo o próprio Orwell (2005, p. 61), “Tudo isso era desconcertante e perturbador, porque naquela época eu já tinha concluído que o imperialismo era algo maligno e que quanto antes eu renunciasses ao emprego e saísse dali, tanto melhor”.

O romance *Coming Up for Air* (Um Pouco de Ar, Por Favor!, 1939), é uma obra notável que oferece uma visão crítica e perspicaz da Inglaterra da década de 1930. O romance é narrado pelo protagonista, George Bowling, um homem de meia-idade que vive uma vida monótona como vendedor de seguros. Ao longo do livro, Orwell expõe as ansiedades e inseguranças de Bowling em relação à modernização e ao progresso que ocorrem em sua cidade natal, incluindo a destruição de paisagens naturais e a transformação da vida rural em vida urbana. O livro oferece uma crítica mordaz da sociedade industrializada e do capitalismo, enquanto também

⁵ Citação original: “Most readers rarely encounter two works Orwell himself later dismissed as inferior, *The Clergyman's Daughter* (1935) and *Keep the Aspidistra Flying* (1936). The former, however, treats of the loss of religious belief, later a central theme for Orwell, while the latter is a fine study in the perils of being impoverished, lower middle class, and desperately squeezed by the system. Psychologically, too, they are interesting, populated as they are by shy, solitary, maladjusted characters ill-adapted to meeting the challenges of the age[...]” (CLAEYS, 2017, p. 394 - 395).

examina a relação complexa entre a memória e a identidade pessoal. Assim, de acordo com Claeys (2017, p. 401, tradução nossa):

O último romance de Orwell antes da guerra, *Coming Up for Air* (1939), mostra que suas preocupações mais amplas não haviam desaparecido. Isso evidencia sua contínua inquietação com o culto ao sucesso, a adoração ao deus do dinheiro, a pressão esmagadora para se conformar às normas da classe burguesa e a implacável subordinação do ser humano à máquina, que ele cada vez mais via como a personificação da vida moderna.⁶

Animal Farm (*A Revolução dos Bichos*, 1945) é um romance clássico da literatura, uma sátira política que narra a história dos animais de uma fazenda que se rebelam contra seus donos humanos e estabelecem uma sociedade governada pelos próprios animais. Através da história dos animais, Orwell critica satiricamente a Revolução Russa e a ascensão do comunismo na União Soviética, apresentando as contradições e corrupções que surgem no poder. A obra é considerada uma crítica ao totalitarismo, ao uso da propaganda para manipular as massas e à falta de liberdade e justiça em regimes autoritários: "A ideia do conto, escreveu Orwell, era evitar revoluções lideradas por pessoas inconscientemente ávidas pelo poder"⁷ (CLAYES, 2017, p.407, tradução nossa).

De acordo com Piza (2005), a posição política de Orwell foi uma das razões que explicam por que ele escreveu *A Revolução dos Bichos*, com o objetivo de publicá-lo no último ano da guerra, apesar de prever que o conflito duraria muito mais tempo. Embora durante muitos anos, os analistas marxistas tenham buscado convencer os leitores de que o livro não se tratava da Revolução Bolchevique de 1917, Orwell tinha uma visão contrária à esquerda utópica, extremista e nacionalista, que ignorava a interdependência da economia global e a importância do progresso industrial. Essa perspectiva pode ser observada em seu ensaio "Escritores e Leviatã" (1948). Orwell rapidamente percebeu que o período de "transição" para o socialismo na Rússia havia substituído o próprio socialismo, levando o país ao fracasso econômico e à opressão policial. Portanto, o romance aborda essa situação de se aprisionar em uma armadilha autoimposta. Nesse sentido, de acordo com Silva (2005), apesar de ser considerado um esquerdista, Orwell nunca se filiou a um partido político e suas críticas ao capitalismo e ao socialismo eram igualmente contundentes. Através de sua sátira política em *Animal Farm*, Orwell criticou a tirania do governo soviético e imortalizou a frase "Todos os

⁶ Citação original: "Orwell's last pre-war novel, *Coming Up for Air* (1939), shows that his wider concerns had not disappeared. It evidences his continuing unease with the cult of success, the worship of the money-god, the grinding pressure to conform to bourgeois-class norms, and the relentless subordination of human being to machine, which he increasingly saw as epitomizing modern life" (CLAYES, 2017, p. 401).

⁷ Citação original: The point of the tale, Orwell wrote, was to avoid revolutions led by 'unconsciously power-hungry people' (CLAYES, 2017, p.407).

animais são iguais, mas alguns animais são mais iguais do que outros" (ORWELL, 2021, p.92) como uma crítica à falta de igualdade e justiça em regimes autoritários.

George Orwell também expressou suas preocupações sobre a linguagem e a literatura em suas obras *Politics and the English Language* (*A Política e a Língua Inglesa*), *The Prevention of Literature* (*A Prevenção da Literatura*) e *Why I Write* (*Por que Escrevo*), publicados em 1946. Em *Politics and the English Language*, Orwell argumenta que o declínio da linguagem era um reflexo do declínio dos valores políticos e culturais. Ele acreditava que o uso excessivo de jargão, frases sem sentido e clichês na linguagem contribuía para a degradação do pensamento e a distorção da verdade. Em *The Prevention of Literature*, Orwell abordou a censura política da literatura e a supressão de vozes dissidentes. Ele argumentou que o poder da literatura reside em sua capacidade de expressar a verdade e que qualquer tentativa de silenciar os escritores é uma ameaça à liberdade. Em *Why I Write*, Orwell refletiu sobre sua própria escrita e motivações, revelando sua crença de que escrever é um ato político e que a busca da verdade e da clareza é primordial. As obras de Orwell servem como uma poderosa crítica às formas pelas quais a linguagem pode ser usada para manipular, controlar e silenciar indivíduos e à importância de preservar a integridade da linguagem e da literatura. Nesse sentido, Claeys (2017, p.445, tradução nossa) destaca como Orwell via essa relação entre política e literatura

Mas o partidatismo não precisava ser totalitário. 'É no ponto em que a literatura e a política se cruzam', pensou Orwell, 'que o totalitarismo exerce sua maior pressão sobre o intelectual'. Portanto, era necessário rejeitar a proposição de que 'a liberdade é indesejável e que a honestidade intelectual é uma forma de egoísmo antissocial'.⁸

Reflections on Gandhi (*Reflexões Sobre Gandhi*) é um ensaio escrito por George Orwell, em 1949, que aborda a figura de Mahatma Gandhi e suas ideias pacifistas. Orwell, inicialmente crítico das táticas não violentas de Gandhi, passa a admirá-lo e reconhecer a eficácia de sua luta contra o domínio britânico na Índia. O autor destaca o fato de que a não violência é um método que exige coragem e disciplina, e que pode ser mais eficaz do que a violência na luta por justiça e liberdade. Apesar disso, Orwell (2005, p.72) destaca nesse ensaio que “ao julgarmos um homem como Gandhi, parece que intuitivamente empregamos critérios rigorosos, de maneira que algumas de suas virtudes passaram quase despercebidas”. Orwell argumenta que isso pode levar a uma subavaliação de algumas das virtudes de Gandhi. Isso significa que, embora Gandhi

⁸ Citação original: “But partisanship did not have to be totalitarian. ‘It is at the point where literature and politics cross’, Orwell now thought, ‘that totalitarianism exerts its greatest pressure on the intellectual.’ One therefore had to reject the proposition that ‘freedom is undesirable and that intellectual honesty is a form of anti-social selfishness’ (CLAEYS, 2017, p. 445)

tenha sido amplamente reconhecido por sua filosofia pacifista e sua liderança na luta pela independência da Índia, outras características igualmente importantes podem ter passado despercebidas.

No romance *1984*, de George Orwell, é apresentado um mundo distópico no qual o governo totalitário exerce controle absoluto sobre a vida dos cidadãos. O desejo pelo poder é a principal motivação desse regime, e, como bem destacado por Claeys (2017, p.386, tradução nossa), “esse desejo é satisfeito por meio da inflicção de dor”⁹. Através da figura do "Grande Irmão" [Big Brother] e da polícia política, o Estado de Oceania emprega a tortura e a violência física e psicológica como instrumentos de controle e submissão dos indivíduos. Nesse contexto, a personagem principal, Winston Smith, luta contra o sistema, tentando manter sua individualidade e liberdade diante da opressão do Estado. De acordo com Pavloski (2014), durante a leitura de seus vários ensaios, é perceptível que George Orwell transferiu muitos aspectos de sua personalidade para o personagem principal de sua obra mais famosa e recente.

A obra *1984* se tornou um clássico da literatura mundial por abordar temas como poder, controle, manipulação, vigilância e resistência, que ainda são relevantes atualmente. Nesse sentido, Pavloski (2014) salienta que podemos interpretar que a decepção de Orwell como militante socialista na Espanha e a revolta diante do poder exercido pelos regimes totalitários na primeira metade do século XX contribuíram significativamente para a formação de um ceticismo enraizado em relação a projetos utópicos. Assim, George Orwell, por meio de suas vivências, foi capaz de desenvolver uma visão crítica sobre projetos políticos utópicos. Seu ceticismo em relação a esses ideais se tornou uma das principais características de sua obra literária e ensaística.

⁹ Citação original: in *Nineteen Eighty-Four*, the ‘lust for power is satisfied by inflicting pain’ (CLAEYS, 2017, p. 386).

3. ASPECTOS DISTÓPICOS EM *1984*

3.1 ELEMENTOS DE CONTROLE SOCIAL

O romance *1984* de George Orwell é considerada uma das mais importantes distopias da literatura mundial. Publicado em 1949, o livro se passa em um futuro distante e sombrio, em que o mundo é controlado por um estado totalitário que manipula a verdade, suprime a liberdade de pensamento e vigia constantemente a vida de seus cidadãos. Através da figura do protagonista Winston Smith, o autor apresenta uma crítica contundente ao regime político totalitário e ao poder de controle exercido pela propaganda e manipulação da informação. A obra se tornou uma referência no campo da literatura política e social, e seu legado permanece atual e relevante até os dias de hoje.

A obra-prima distópica de George Orwell, descreve uma sociedade totalitária regida pelo Partido e liderada pelo Grande Irmão, onde Winston Smith, um homem comum, emerge como figura central na narrativa. Seu relacionamento proibido com Júlia, uma rebelde, destaca a luta pela liberdade individual em meio à opressão do Estado. A consciência crítica de Winston é tratada como uma ameaça pelo partido, que busca controlar cada pensamento e ação dos cidadãos. Gradualmente, Winston sucumbe à vigilância onipresente, à tortura psicológica e à lavagem cerebral, renunciando à sua própria identidade e submetendo-se às vontades do partido, testemunhando, assim, a vitória completa do totalitarismo sobre a liberdade individual.

De acordo com o cenário descrito em *1984*, o planeta é dividido em três grandes blocos continentais: Eurásia, Lestásia e o maior deles, Oceania. A Oceania abrange todo o território que chamamos de Américas, o sul da África, a Austrália e a Nova Zelândia, bem como o Reino Unido (RONCATTO, 2011). A maior parte da história se passa em Londres, capital da Oceania, que é descrita como uma cidade fria, suja e sombria. Os edifícios são decrepitos, com pouca luz e ventilação, e as ruas são vigiadas constantemente por policiais do Partido. Os habitantes de Londres vivem em extrema pobreza e são obrigados a seguir uma série de regras e regulamentos impostos pelo Partido. Além de Londres, a história também se passa em outros lugares da Oceania, como os ministérios de nomes irônicos, uma vez que tratam do oposto de sua nomenclatura: Ministério da Verdade, Ministério da Paz, o Ministério do Amor e o Ministério da Fartura. Cada ministério é responsável por controlar um aspecto diferente da vida dos cidadãos, como a propaganda, a guerra e a repressão, de sorte que estes “Seus nomes, em Novilíngua [o idioma subversivo criado pelo autor para este mundo ficcional]: Miniver, Minipaz, Miniamo, Minifarto” (ORWELL, 1978, p. 10).

O Ministério da Verdade é responsável por controlar a informação e a propaganda do governo. Ele é encarregado de reescrever a história e os registros do passado, a fim de adequá-los às necessidades do partido governante. Isso é feito através da manipulação da imprensa, da produção de notícias falsas e do controle da educação. O objetivo final do Ministério da Verdade é fazer com que as pessoas acreditem na versão do partido sobre a realidade, mesmo que ela seja contrária aos fatos. De acordo com Hilário (2013), o tema principal abordado em 1984 é o domínio totalitário, que é caracterizado pela sua incompatibilidade com a democracia e pela sua capacidade de controlar todos os aspectos da vida social.

Nesse sentido, O Ministério da Verdade em 1984 é irônico porque seu nome sugere que a instituição é responsável por produzir e disseminar informações verdadeiras para a população. No entanto, a verdade não é a principal preocupação do Ministério, mas sim a manipulação da informação para servir aos interesses do governo. Através da reescrita da história e da criação de notícias falsas, o Ministério da Verdade busca manter a população sob controle e consolidar o poder. Dessa forma, a ironia reside no fato de que o Ministério que deveria ser responsável por garantir a veracidade das informações divulgadas, acaba sendo uma instituição que produz desinformação e propaganda. Isso mostra como o governo totalitário em 1984 é capaz de utilizar a linguagem para distorcer a realidade e manipular a percepção das pessoas sobre o mundo ao seu redor.

O Ministério da Paz é encarregado de coordenar as guerras e conflitos do regime, bem como manter a população em constante estado de tensão e medo. Ele é encarregado de promover a ideologia do partido através da propaganda militar, e de controlar o acesso da população às informações sobre os conflitos. Além disso, o Ministério da Paz é responsável por manter e administrar as Forças Armadas do regime.

O Ministério do Amor lidava com o controle da população através da violência e da intimidação. Ele é responsável pela aplicação da lei e pela manutenção da ordem pública, mas seus métodos são cruéis e brutais. O Ministério do Amor é encarregado de prender, torturar e executar pessoas que sejam consideradas uma ameaça ao regime ou que expressem opiniões contrárias ao partido. Seus agentes são treinados para vigiar a população e denunciar qualquer atividade suspeita.

O Ministério da Fartura é responsável por lidar com a economia e as necessidades básicas da população. Ele é responsável pela distribuição de bens e alimentos, mas seus métodos são ineficientes e desorganizados. Este setor do governo é encarregado de manter a população em constante necessidade e escassez, a fim de mantê-la controlada e dependente do governo. O

controle da economia pelo partido permite que o Ministério da Fatura possa recompensar ou punir as pessoas através da distribuição de bens essenciais.

Em conjunto, esses quatro ministérios são fundamentais para a manutenção do poder do regime totalitário apresentado na obra. Eles trabalham em parceria para controlar a informação, a população e a economia, mantendo a sociedade sob constante vigilância e opressão. O retrato apresentado por Orwell desses ministérios serve como um alerta sobre os perigos do totalitarismo e da manipulação da informação pelo governo. Segundo Pavloski (2018), quando há um processo de acumulação de poder, isso pode ser a base para a instauração de um governo totalitário. Nesse tipo de regime político, o objetivo não é apenas alcançar um ideal coletivo, mas também garantir a estabilidade da estrutura social estabelecida. Essa situação leva à redução dos indivíduos a meros componentes da sociedade, limitando seu direito de expressar opiniões sobre seus próprios destinos.

Como se percebe pelo título, *1984* é ambientado em um mundo situado em um futuro não muito distante do ano em que o livro foi escrito (1948). Oceania, uma das três superpotências mundiais, que é controlada por um regime totalitário conhecido como "o Partido". Os lemas do Partido ironicamente são "Guerra é Paz, liberdade é escravidão, ignorância é força" (ORWELL, 1978, p.9). Essa passagem é um exemplo luminoso do duplipensar, conceito criado pelo autor para demonstrar a manipulação do pensamento dos indivíduos pelo Partido. Ao afirmar que a guerra é paz, o Partido sugere que as guerras são necessárias para manter a paz e a segurança, mesmo que isso signifique a morte de milhares de pessoas. Já a afirmação de que a liberdade é escravidão é uma inversão completa do conceito de liberdade, mostrando como o Partido controla a vida dos indivíduos em todos os aspectos, desde suas escolhas pessoais até suas crenças. Por fim, ao declarar que a ignorância é força demonstra como o Partido mantém sua posição de poder, manipulando a história e as informações para que as pessoas acreditem em sua versão da realidade.

Através desses lemas, Orwell mostra como o Partido manipula o pensamento das pessoas, tornando-as submissas e controláveis. A linguagem da obra é fundamental para a construção da crítica ao totalitarismo, sendo utilizada como um instrumento de opressão pelo Partido. Através da literatura, Orwell faz uma denúncia do uso da linguagem como uma arma política, mostrando como a manipulação do pensamento pode ser utilizada para controlar e submeter as pessoas. Assim, Claeys (2017, p. 413, tradução nossa) afirma que "a temática

central de 1984 é a fragilidade da memória. O Partido constantemente reescreve o passado de forma que nenhum ponto de comparação revele se a vida já foi melhor ou pior"¹⁰.

Essa fragilidade da memória implícita na obra está intimamente relacionada com a linguagem, que é um dos principais instrumentos utilizados pelo Partido para manter o controle sobre a população. Através do Ministério da Verdade, o Partido é responsável por reescrever a história e controlar a linguagem, de forma que as palavras perdem seus significados originais e passam a ser utilizadas como instrumentos de opressão. Um exemplo disso é a criação do “Novilíngua”, que consiste na eliminação de palavras consideradas perigosas pelo Partido, como "liberdade" e "democracia", e a substituição por outras que têm o mesmo som, mas um significado completamente diferente. Desse modo, o Partido controla o pensamento dos indivíduos, limitando sua capacidade de pensar e expressar ideias que vão contra os interesses do regime.

Segundo Pavloski (2018), nesta obra de George Orwell, é perceptível o constante avanço do aparato controlador da sociedade ficcional, o que leva à consolidação do poder nas mãos do Partido e à eliminação completa das individualidades. Um exemplo disso é a pesquisa contínua na área da linguística, que busca estabelecer os padrões de uma língua artificial capaz de impedir a expressão de ideias heterodoxas e, portanto, inviabilizar a própria concepção desses pensamentos. O objetivo do Novilíngua, ou Ingsoc (O Ingsoc, English Socialism ou Socialismo Inglês, é a ideologia política dominante na Oceania. O Ingsoc é baseado no totalitarismo, buscando a supressão da individualidade, o controle absoluto da informação e o poder ilimitado do Estado sobre seus súditos), é impedir que as pessoas pensem de maneira crítica ou questionem o governo, reforçando o poder totalitário do Partido sobre a população, assim como Winston – ainda na condição de alienado - destaca em um de seus diálogos: “A Revolução se completará quando a língua for perfeita. Novilíngua é Ingsoc e Ingsoc é o Novilíngua” (ORWELL, 1978, p.53).

O Partido mantém um controle total sobre a vida dos cidadãos, monitorando constantemente seus movimentos e atividades por meio de dispositivos de vigilância. No entanto, Pavloski (2018, p. 187) salienta que:

O controle não é apenas impositivo, mas aceito e redistribuído. Assim que um ideal de cidadão é constituído e aceito pela população, os membros do grupo são levados não apenas a apoiar, mas também a proteger a integridade do modelo.

¹⁰ Citação original: “The central theme of Nineteen Eighty-Four is the fragility of memory. The Party constantly rewrites the past so that no points of comparison betray whether life had ever been better or worse” (CLAEYS, 2017, p.413).

Durante a história, o Partido controla todos os aspectos da vida dos cidadãos, desde o que pensam e sentem até o que fazem e dizem. Esse controle é alcançado não apenas por meio da violência e da repressão, mas também por meio da manipulação da informação e da linguagem. Assim, além de serem controlados pelo Partido, os cidadãos de Oceania também aceitam e internalizam as ideias e valores que lhes são impostos. Portanto, se tornam defensores ativos do sistema, e acreditam que estão protegendo a integridade do modelo ao denunciar qualquer comportamento considerado desviante.

Os membros do Partido são treinados desde a infância para adorar o Grande Irmão e obedecer cegamente às suas ordens, e aqueles que se desviam do caminho são punidos com prisão, tortura ou execução. O Partido também se utiliza da propaganda e da manipulação da história para manter a população sob controle, criando um mundo distópico em que a verdade é facilmente distorcida e a liberdade é uma ilusão: “Quem controla o passado”, dizia o lema do Partido, “controla o futuro; quem controla o presente, controla o passado” (ORWELL, 1978, p.36). Essa passagem da obra destaca a importância do controle da história pela liderança do Partido, que procura controlar não apenas o presente e o futuro, mas também a narrativa histórica. Isso sugere que, ao controlar a interpretação da história, o Partido pode moldar a percepção pública do passado, presente e futuro de acordo com seus interesses e objetivos.

Nesse viés, Pavloski (2014) pondera que tanto o personagem principal quanto a sociedade retratada em *1984* apresentam traços ocultos sob uma aparência de normalidade. Esses traços revelam o protagonista como um indivíduo que ameaça a ordem pública, enquanto a sociedade é mostrada como uma estrutura cuidadosamente organizada para controlar cada indivíduo. Assim, a figura do "Grande Irmão", líder do Partido, é cultuado como uma figura divina, e os cidadãos são obrigados a prestar juramento de lealdade a ele.

A figura do Grande Irmão em *1984* representa uma divindade totalitária e onipresente, que controla a vida dos cidadãos do Estado da Oceania. O Grande Irmão é uma figura idealizada e adorada pelo Partido governante, que procura controlar os pensamentos e comportamentos dos cidadãos em nome da lealdade ao Estado. O culto a essa entidade é uma forma de controle ideológico e emocional sobre a população, que é levada a acreditar que a figura do líder é onipotente e que o Estado é seu protetor. Essa imagem divina distorcida é semelhante às figuras divinas presentes no mito do Jardim do Éden e em algumas religiões, que são idealizadas e veneradas como protetores ou governantes da humanidade. No entanto, a figura do Grande Irmão é uma distorção grotesca dessa ideia, pois não há liberdade ou autonomia individual sob seu controle e a adoração é imposta pelo Estado, não é uma escolha pessoal ou espiritual, ou seja, não existe liberdade de escolha, livre-arbítrio.

Os elementos utópicos presentes no mito utópico do Jardim do Éden, na obra *A República* de Platão e em *1984* de Orwell estão relacionados a uma busca por uma sociedade ideal, livre de conflitos e injustiças. No mito do Jardim do Éden, Adão e Eva viviam em um paraíso perfeito, onde não havia dor, sofrimento ou morte. Eles tinham tudo o que precisavam, viviam em harmonia com a natureza e não tinham preocupações. No entanto, esse paraíso foi perdido quando eles desobedeceram a divindade máxima naquele contexto e comeram o fruto proibido, o que resultou na perda daquele paraíso perfeito. Já na obra *A República*, de Platão, ele descreve uma cidade ideal, a cidade de Kallipolis, que seria governada por filósofos e onde haveria uma divisão justa de trabalho e bens, sem classes sociais ou conflitos. Os cidadãos seriam educados para serem virtuosos e a cidade seria uma comunidade harmoniosa, onde cada um contribuiria para o bem comum. Assim, em *1984*, a ideia de uma sociedade utópica é distorcida em uma distopia totalitária, onde o Estado controla todos os aspectos da vida dos cidadãos. Não há liberdade de pensamento ou expressão, a história é reescrita pelo governo, e a privacidade é completamente violada.

Assim, podemos observar que a busca por uma sociedade utópica está presente nas três obras mencionadas, mas elas apresentam diferentes abordagens e desfechos. Enquanto o mito do Jardim do Éden apresenta a perda do paraíso e a entrada do sofrimento na história humana, *A República*, de Platão, apresenta uma cidade ideal que pode ser alcançada por meio da educação e da justiça, e *1984* apresenta uma distopia totalitária que mostra os perigos de um Estado controlador.

3.2 ENTRE A ILUSÃO E A OPRESSÃO: O PAPEL DO PARTIDO, FALSAS ESPERANÇAS DE REVOLUÇÃO E A RENDIÇÃO DE WINSTON

Os principais personagens de *1984* são Winston Smith, Julia, O'Brien e o Grande Irmão. Winston Smith é um funcionário do Ministério da Verdade, responsável por reescrever a história para atender aos interesses do Partido. Ele se torna um rebelde solitário que passa a perceber claramente o que está acontecendo na sua sociedade e começa a questionar o controle do Partido sobre a vida dos cidadãos, e a busca pela verdade. Julia é uma jovem que se aproxima de Winston, e juntos eles iniciam um relacionamento amoroso secreto, desafiando as regras do Partido. O'Brien é um membro do Partido que se apresenta a Winston e Julia como um aliado na luta contra o Partido, mas acaba se revelando um torturador implacável. Finalmente, o Grande Irmão é a figura central do regime totalitário, adorado e reverenciado pelos membros do Partido. Todos os personagens têm relações complexas com o Partido, seja como membros

fiéis, dissidentes ou vítimas de suas políticas opressivas. A relação entre eles e o Partido ilustra o poder e a corrupção que a opressão pode trazer para uma sociedade, bem como a importância da resistência contra o autoritarismo.

A vigilância constante do partido é um dos elementos mais marcantes na obra. Através de personagens como o Grande Irmão e a Polícia do Pensamento, Orwell retrata um governo totalitário que busca controlar cada aspecto da vida de seus cidadãos. A vigilância é exercida de diversas formas, desde a teletela, um dispositivo que permite ao partido monitorar constantemente a vida dos cidadãos (inclusive porque há uma em cada cômodo das residências), até a manipulação da linguagem, que tem como objetivo limitar o pensamento e a expressão dos indivíduos. Na primeira menção ao dispositivo, a cena sugere um ambiente controlado e monitorado em que a privacidade é limitada e a tecnologia é usada para controlar a população:

Dentro do apartamento, uma voz sonora lia uma lista de cifras relacionadas com a produção de ferro gusa. A voz saía de uma placa metálica retangular semelhante a um espelho fosco, embutido na parede direita. Winston torceu um comutador e a voz diminuiu um pouco, embora as palavras ainda fossem audíveis. O aparelho (chamava-se teletela) podia ter o volume reduzido, mas era impossível desligá-lo de vez. (ORWELL, 1978, p.7-10).

Essa vigilância constante também tem um efeito psicológico profundo nos personagens, que passam a internalizar as ideias do Partido e a temer qualquer forma de dissidência. Para Pavloski (2018), as teletelas são utilizadas para disseminar a voz do Partido de maneira instrutiva e punitiva para toda a população oceânica. Esses dispositivos estão presentes em quase todos os lugares, permitindo que as pessoas sejam observadas continuamente, não importa se elas estão em casa, trabalhando, comendo ou dormindo.

Pavloski (2018), ainda destaca que o mecanismo de observação das teletelas é aparentemente simples em sua funcionalidade, mas altamente eficaz na coerção do comportamento humano. A percepção da observação constante condiciona a maneira como as pessoas agem, e essa vigilância opressiva do Partido torna-o onipresente e onisciente. Isso é evidente em todo o ambiente da obra, desde os dispositivos das teletelas até os cartazes que exibem a imagem do líder supremo, conhecido como "O Grande Irmão". A legenda que acompanha a imagem, "O GRANDE IRMÃO ZELA POR TI" (ORWELL, 1978, p.7), transmite a ideia de que o líder é um guardião vigilante, presente em todos os lugares e observando tudo o que as pessoas fazem. Winston tinha a noção de ser vigiado pela teletela devido à consciência da observação constante imposta pelo dispositivo, que nunca podia ser completamente desligado.

Qualquer barulho que Winston fizesse, mais alto que um cochicho, seria captado pelo aparelho; além do mais, enquanto permanecesse no campo de visão da placa metálica, poderia ser visto também. Naturalmente, não havia jeito de determinar se, num dado momento, o cidadão estava sendo vigiado ou não. Impossível saber com que frequência, ou que periodicidade, a polícia do Pensamento ligava para a casa deste ou daquele indivíduo. Era concebível, mesmo, que observasse todo mundo ao mesmo tempo. A realidade é que podia ligar determinada linha no momento que desejasse. Tinha-se que viver – e vivia-se por hábito transformado em instinto – na suposição de que cada som era ouvido e cada movimento examinado, salvo quando feito no escuro (ORWELL, 1978 p.8).

A estrutura social descrita em *1984* combina elementos de poder monárquico - como a figura onipresente do Grande Irmão e a forte centralização do poder - com técnicas disciplinares modernas, como a vigilância constante e a propaganda massiva. Essa combinação de poderes cria uma utopia totalitária, onde o Estado tem controle absoluto. Também, a violência é uma ferramenta essencial do regime para manter a população sob controle. O Estado totalitário da Oceania mantém o poder através da coerção física e da ameaça constante de punição severa.

Os cidadãos são submetidos a um sistema de vigilância total, onde suas ações e pensamentos são monitorados de perto. A violência é empregada como uma forma de punição por qualquer comportamento considerado subversivo ou que vá contra a narrativa oficial do Estado. Por exemplo, a Polícia do Pensamento é responsável por detectar e punir quaisquer pensamentos ou ideias que possam ser considerados contrários aos interesses do Estado. A violência é empregada tanto como uma forma de punição quanto como uma forma de coerção para garantir a conformidade e a submissão dos cidadãos:

Na Oceania não existe lei. Pensamentos e atos que, descobertos, resultariam em morte certa, não são formalmente proibidos, e os intermináveis expurgos, prisões, torturas, detenções e vaporizações não são infligidos como castigo por crimes realmente cometidos, mas são apenas a liquidação de pessoas que poderiam talvez cometer um crime no futuro (ORWELL, 1978, p. 197).

De acordo com Pavloski (2018), a violência retratada na obra não tem apenas o propósito de punição, mas é direcionada pela ideologia do Ingsoc para canalizar os impulsos violentos dos indivíduos em direção a pessoas ou elementos específicos, de acordo com a vontade do regime. A violência também é empregada como uma forma de propaganda, com o regime da Oceania criando cenas públicas de execuções e tortura para intimidar a população e demonstrar sua autoridade e poder. Assim, mesmo que a Oceania tenha estabelecido um sistema de controle social altamente eficiente, a violência e a ameaça constante de violência são essenciais para manter a população em linha e garantir a estabilidade do regime.

Winston, o protagonista de *1984*, começa a tomar consciência do que realmente está acontecendo em sua sociedade opressiva através de uma série de eventos. Primeiramente, ele

começa a questionar a história oficial que lhe é apresentada pelo partido governante e percebe que muitas informações foram distorcidas ou apagadas: "O declínio de Winston Smith começa quando, por algum motivo, ele arrisca a própria vida comprando (descobre-se mais tarde, de um espião da polícia) um diário antigo"¹¹(CLAEYS, 2017, p.411, tradução nossa). A aquisição do diário antigo é um momento crucial de sua jornada de autodescoberta e tomada de consciência. Até então, ele havia sido um cidadão obediente e conformado, submetido à tirania do Estado totalitário e incapaz de questionar a autoridade do Partido. No entanto, ao comprar o diário, Winston começa a se arriscar e a se rebelar contra o sistema que o oprime. Ele começa a escrever em segredo suas ideias e pensamentos mais íntimos, expressando sua insatisfação com o *status quo* e sua vontade de mudança.

A posse do diário, portanto, é um símbolo da luta de Winston para recuperar sua individualidade e sua humanidade, em um mundo onde a liberdade de expressão e pensamento é totalmente suprimida. É um ato de coragem e de resistência, que o coloca em risco de ser preso ou executado caso seja descoberto pela polícia secreta do Partido. Tanto que, quando Winston escreve pela primeira vez no diário a expressão "ABAIXO O GRANDE IRMÃO" (ORWELL, 1978, p.21), ele está expressando sua revolta e sua insatisfação com a opressão que o Partido exerce sobre a sociedade. Essa é uma expressão de protesto contra o sistema e contra a figura do líder supremo, que é adorado pelos cidadãos como se fosse um deus onipotente:

Quer escrevesse ABAIXO O GRANDE IRMÃO ou não, não fazia diferença. Quer continuasse com o diário, quer parasse, não fazia diferença. A Polícia do Pensamento o apanharia do mesmo modo. Cometera – e teria cometido, nem que não levasse a pena ao papel – o crime essencial, que em si continha todos os outros. Crimidéia, chamava-se. O crimidéia não era coisa que pudesse ocultar. Podia-se escapar com êxito algum tempo, anos até, porém mais cedo ou mais tarde pegavam o criminoso (ORWELL, 1978, p. 22).

Nessa passagem, Winston percebe que sua luta contra a opressão do Partido é, de certa forma, fútil, uma vez que mesmo que ele se abstenha de escrever no diário ou desista de continuar com sua revolta, ele já cometeu o crime essencial de pensar de forma diferente do que o Partido considera correto. Isso mostra a extensão do controle do Estado sobre a vida das pessoas e a impossibilidade de escapar da vigilância constante da Polícia do Pensamento. Além disso, fica claro a inevitabilidade da descoberta e punição por qualquer forma de dissidência. Mesmo que uma pessoa consiga se esconder por um tempo, eventualmente ela será descoberta e punida pelo regime. Isso cria um clima de medo constante e insegurança na sociedade

¹¹ Citação original: "Winston Smith's downfall commences when, for some reason, he risks death by buying (from a police spy, we discover) an old-fashioned diary" (CLAEYS, 2017, p. 411).

retratada em 1984, onde as pessoas são levadas a se autocensurar e a não expressar seus pensamentos e opiniões verdadeiros: "Por escrito, Winston expressa sua consciência política mínima. Na maioria das vezes, isso é apenas para desabafar. Pior ainda, Winston então tem um caso furtivo com outro membro do Partido Externo, Julia"¹² (CLAEYS, 2017, p.411, tradução nossa).

Com relação à Júlia, ela é apresentada no livro como uma personagem misteriosa e atraente que desperta o interesse de Winston. Ela é descrita como uma jovem rebelde, com cabelos escuros e uma sensualidade natural que atrai a atenção do protagonista. Inicialmente, ele a observa de longe durante o trabalho e começa a sentir uma conexão com ela, que é intensificada quando eles se encontram casualmente em um parque. Quando Júlia lhe entrega um bilhete com a mensagem "Eu te amo", Winston é tomado pelo desejo de estar com ela. A partir desse momento, ele começa a elaborar um plano para encontrar Julia novamente. Ele a segue até o lugar onde trabalha e começa a flertar com ela durante o horário de trabalho. Winston teme que seu interesse por Julia seja percebido pelos membros do Partido, que punem severamente qualquer violação das regras.

Winston e Julia finalmente se encontram em segredo e começam a ter um relacionamento físico, algo que é completamente proibido pelo Partido. O envolvimento amoroso entre indivíduos é reprimido de várias maneiras. O amor romântico é visto como uma ameaça ao controle totalitário do Estado, pois pode enfraquecer a lealdade ao Partido. Relacionamentos íntimos são estritamente proibidos. O Partido incentiva ainda a frigidez emocional. A família também é desencorajada, pois os laços familiares podem competir com a lealdade ao Partido. Além disso, a reprodução é rigidamente controlada pelo Estado por meio do "SexoCrime", visando enfraquecer os laços familiares e promover a lealdade exclusiva ao Partido.

Nesse sentido, o casal se encontram em lugares discretos e arriscados, como uma casa abandonada no campo. Seu relacionamento é carregado de uma tensão palpável, uma vez que eles sabem que qualquer erro poderia ter consequências desastrosas. No entanto, seu relacionamento também é um ato de rebelião contra o sistema. Winston e Julia se recusam a aceitar as restrições impostas pelo Estado em suas vidas amorosas e, em vez disso, decidem arriscar tudo para ficarem juntos:

¹² Citação Original: "On paper, Winston pours out his minimal political consciousness. Mostly this is just letting off steam. Worse still, Winston then has a furtive affair with another Outer Party member, Julia" (CLAEYS, 2017, p. 411).

Vemos que Julia, chamada condescendentemente de 'rebelde da cintura para baixo' por Winston, tem relações sexuais com membros do Partido, mas não consegue imaginar uma revolta em sentido mais amplo¹³ (CLAEYS, 2017, p.412, tradução nossa).

Nesse sentido, embora Julia seja vista por Winston como uma rebelde por seu comportamento sexual, pode-se considerar que ela não tem o mesmo desejo de desafiar o Partido em um sentido mais amplo. Assim, há diferenças entre os personagens de Winston e Julia e suas motivações para desafiar o Partido. Enquanto Winston está cada vez mais descontente com o Estado e sua opressão, Julia parece estar satisfeita em viver uma vida relativamente confortável dentro do sistema, desde que possa ter algum grau de liberdade pessoal:

Tampouco tinha Júlia o menor interesse pelas ramificações da doutrina do partido. Sempre que ele começava a falar dos princípios do Ingsoc, duplipensar, a mutabilidade do passado e a negação da realidade objetiva, e a usar palavras de Novilíngua, ela ficava aborrecida, confusa, e dizia não ter jamais prestado atenção a essa coisa (ORWELL, 1978, P. 146).

Claeys (2017) ainda afirma que se pode analisar o personagem de Julia por outro viés. De acordo com ele, Julia era mais perspicaz do que Winston e menos suscetível à propaganda do Partido. Ela chegou a questionar a existência da guerra e até mesmo sugeriu que os foguetes-bomba eram lançados contra os cidadãos de Oceania pelo próprio Estado. Essas reflexões ocorreram antes mesmo que Winston, que tinha acesso a mais informações, pudesse chegar às mesmas conclusões.

Segundo Pavloski (2014), o Partido busca alcançar a uniformidade de pensamentos e atitudes, o que, em grande medida, é alcançado. Isso torna improvável a ocorrência de um levante organizado contra o regime, fortalecendo a estrutura do Partido por meio da participação dos indivíduos no monitoramento de comportamentos irregulares. Em meio a essa sociedade opressiva, o personagem Parsons surge representando o cidadão comum, conformado e submisso ao regime, que segue as regras sem questionar e vive em constante vigilância:

Parsons era colega de Winston no Ministério da Verdade. Era um homem gorducho mas ativo, de estupidez paralisante, uma massa de entusiasmo imbecil – um desses servos dedicados e absolutamente fiéis dos quais dependia a estabilidade do partido, mais do que da Polícia do Pensamento (ORWELL, 1978, p. 24).

Desde sua primeira aparição, Parsons é apresentado como um personagem medroso e submisso, que teme até mesmo pensar em desafiar o Partido. Ele é descrito como um homem capaz de se orgulhar de seus filhos pequenos denunciarem os próprios pais ao regime. A

¹³ Citação original: “We learn that Julia, patronizingly called a ‘rebel from the waist downwards’ by Winston, fornicates with Party members but cannot envision revolting in any wider sense.” (CLAEYS, 2017, p. 412).

personagem é um exemplo daqueles cidadãos que internalizaram os ideais do Partido e acreditam naquilo que lhes foi imposto, sem questionar. De acordo com Pavloski (2014), em 1984, não é suficiente que alguns indivíduos apoiem completamente os objetivos do Grande Irmão. É necessário garantir que todos os membros da sociedade cumpram essas prerrogativas. Por isso, o poder controlador não atua apenas de forma vertical e unilateral, mas também se espalha horizontalmente, afetando diferentes áreas da vida social, como a família.

A relação entre Parsons e Winston se desenvolve ao longo da trama, principalmente quando Parsons é preso pelo crime de pensar em voz alta e sonhar. Ao ser preso, ele pede a ajuda de Winston para ser inocentado, mas, ao mesmo tempo, demonstra sua lealdade ao regime ao dizer que se for solto, irá denunciar ainda mais pessoas. Esse episódio é um exemplo claro da submissão e conformismo de Parsons em relação ao Partido, mesmo em uma situação de risco para si mesmo. Ele é um exemplo do que o Partido deseja para a sociedade: pessoas que não pensem por si mesmas, que aceitem tudo o que é imposto e que denunciem qualquer comportamento que possa ser considerado "desviante". Sua presença na trama é fundamental para mostrar o quão eficiente é o controle do Partido sobre a mente das pessoas e como a sociedade se mantém subjugada ao poder totalitário.

A relação entre os dois personagens também destaca a importância da linguagem e da comunicação na formação das ideias e do pensamento crítico. Enquanto Winston desafia o controle da linguagem e busca a liberdade de expressão, Parsons aceita as restrições linguísticas impostas pelo Partido e se submete ao seu controle. Assim, para Pavloski (2018), a sociedade distópica de Orwell é marcada por uma hierarquia opressiva, que resulta em uma grande sensação de insegurança em todos os níveis. A homogeneização ideológica leva os indivíduos a participarem ativamente na identificação e denúncia de qualquer comportamento desviante, assim como Parsons acredita.

Semelhantemente, Syme é um personagem secundário, mas importante para a trama e para a compreensão do papel do intelectual no regime. Ele é apresentado ao leitor como um dos colegas de trabalho de Winston na Seção de Prensa do Ministério da Verdade. Ele é descrito como um homem muito inteligente e habilidoso em seu trabalho de criar novas palavras e modificar a linguagem para atender às necessidades do Partido. No entanto, ele também é visto como um indivíduo muito entusiasmado com a ideologia do Partido, o que o torna um personagem preocupante:

Syme era filólogo, especialista em Novilíngua. Com efeito, fazia parte da enorme equipe de peritos empenhada na compilação da Décima Primeira Edição do Dicionário da Novilíngua. Era um sujeito mirrado, menor que Winston, de cabelo

escuro e olhos grandes, saltados, que eram ao mesmo tempo zombeteiros e tristonhos, e que pareciam examinar atentamente a face do interlocutor (ORWELL, 1978, p.49).

Ao longo da trama, a relação entre Winston e Syme é limitada a algumas interações breves, mas é evidente que Syme está ciente do descontentamento de Winston com o regime e suas ações secretas. Syme pode ser visto como um exemplo do intelectual que é controlado pelo regime. Ele é altamente valorizado pelo Partido por suas habilidades intelectuais, mas também é uma vítima do sistema que oprime a liberdade de pensamento e a criatividade. De acordo com Pavloski (2014), Winston evita tanto quanto possível utilizar a Novilíngua e, em vez disso, mantém o uso de uma língua considerada arcaica, o que simboliza uma negação do condicionamento mental imposto pelo Partido e uma ligação com o passado. Essa conexão com o passado também se manifesta em outras áreas da vida de Winston, como sua coleção de objetos antigos e sua busca obsessiva por informações sobre o passado. Essas ações são notadas por Syme e, portanto, pelo Partido:

– Não aprecias realmente a Novilíngua, Winston – disse, quase com tristeza. – Mesmo quando escreves em Novilíngua, pensas na antiga. Tenho lido artigos teus no *Times*. São bons, mas são traduções. No teu coração, havia de preferir a Anticlíngua, com toda a sua imprecisão e suas inúteis gradações de sentido. Não percebes a beleza que é destruir palavras (ORWELL, 1978, p. 52).

Syme primeiramente, é uma pessoa muito inteligente, mas a sua capacidade intelectual é canalizada para um trabalho que apoia e reforça a ideologia do Partido. Ele é capaz de manipular a linguagem e criar palavras para atender às necessidades do regime, mas não é capaz de questionar a própria ideologia ou de se rebelar contra o sistema. Em segundo lugar, Syme é apresentado como um personagem muito entusiasmado com a ideologia do Partido, o que o torna cego para as suas falhas e excessos. Ele se orgulha do seu trabalho e se considera um dos soldados mais leais. Sua devoção ao regime o impede de questionar suas próprias ações e, portanto, o torna um personagem que está disposto a se submeter completamente ao governo.

Com relação ao senhor Charrington, no início do livro, ele é apresentado como um antiquário, dono de uma loja de objetos antigos, onde Winston compra um diário para registrar seus pensamentos e sentimentos mais íntimos. Ele é descrito como um homem amigável e simpático, que conversa com o protagonista sobre a vida em Londres antes da ascensão do Partido. A relação entre os dois é cordial e baseada em interesses comuns, como a paixão por antiguidades. À medida que o romance entre Winston e Júlia se desenvolve, eles decidem usar o quarto secreto da loja de antiguidades de Mr. Charrington como um lugar de encontro. O quarto é descrito como um espaço aconchegante e romântico, onde os amantes podem escapar da vigilância do Partido e se expressar livremente:

Como previra, o antiquário acedera em alugar o quarto. Evidentemente, vinham a calhar uns dólares extras. Nem pareceu chocado ou desrespeitoso quando ficou claro que Winston queria o quarto com a finalidade de receber uma mulher. Ao invés, seu olhar perdeu-se na meia distância e ele falou generosidades, com um ar tão delicado que parecia ter-se tornado parcialmente invisível (ORWELL, 1978, p.129).

No entanto, ao longo da trama, descobrimos que Mr. Charrington é, na verdade, um membro da Polícia do Pensamento, responsável por vigiar e capturar dissidentes políticos. Ele é um agente duplo, que se faz passar por um comerciante inofensivo para atrair pessoas como Winston e Julia, para sua loja, onde são presos e torturados. Essa revelação representa uma grande reviravolta na trama, já que os leitores e os próprios personagens são surpreendidos pela traição de Mr. Charrington. Pavloski (2014), salienta que os elementos que constituíam a revolução silenciosa do protagonista só existiram porque foram incentivados pelo Estado. O Partido deliberadamente constrói brechas na estrutura social para atrair e capturar aqueles que são considerados ideocriminosos.

Assim, a personagem do senhor Charrington representa a traição e o controle do regime sobre a própria resistência. Ele é um exemplo de como o Partido é capaz de infiltrar seus agentes em todos os setores da sociedade, incluindo os negócios e a cultura. Sua transformação de comerciante simpático para agente da Polícia do Pensamento ilustra a falta de confiança e a paranóia que caracterizam o mundo distópico de *1984*. Ao mesmo tempo, sua presença na trama também sugere que a resistência é difícil, senão impossível, no contexto opressivo do Partido.

Já a figura de Goldstein é apresentada como o principal inimigo do regime e um líder da resistência contra o poder opressor. Goldstein é apresentado ao leitor através do livro *O Livro* (The Book), uma obra proibida que contém as ideias da resistência e é considerada uma ameaça ao regime. Ele é descrito como o líder da "Irmandade", um grupo de rebeldes que luta contra o regime, e é responsável por escrever o livro que contém as ideias da resistência. Pavloski (2014), por exemplo, comenta que *1984* faz uso de paródias de rituais e elementos religiosos, como a representação de Goldstein como Lúcifer, o primeiro traidor, e do Grande Irmão como um ser onipresente e extremamente poderoso.

Diretamente relacionada à construção da imagem de Goldstein como uma figura mística e misteriosa na obra, a comparação de Goldstein com Lúcifer, o primeiro traidor, sugere que ele é visto como uma figura demoníaca e vilã pelo regime totalitário. O qual o apresenta como um inimigo da sociedade e da ordem. Por outro lado, para aqueles que se opõem ao regime, Goldstein é visto como um líder da resistência e uma figura mística, cujas ideias e ações são vistas como um meio de libertação e resistência contra a opressão. A representação do Grande Irmão como um ser onipresente e extremamente poderoso também sugere a construção de uma

figura mística e quase divina no livro, que é usada pelo regime para manter o controle e o medo na sociedade. Essa ideia se conecta com a representação de Goldstein como uma figura demoníaca, criando uma dicotomia entre o bem e o mal, a liberdade e a opressão.

Ao longo da trama, Winston começa a questionar a validade das informações fornecidas pelo regime e se torna cada vez mais interessado nas ideias de Goldstein e da resistência. Ele começa a ler *O Livro* e se envolve com membros da "Irmandade", em uma tentativa de se juntar à luta contra o regime. Assim, Winston é atraído pelo livro de Goldstein não tanto pelas informações novas que ele traz, mas pelo conforto que encontra em suas ideias, que refletem seus próprios pensamentos dispersos:

O livro o fascinava ou, mais exatamente, dava-lhe nova tranquilidade. De certo modo, nada lhe dizia de novo, mas isso fazia parte do seu atrativo. Dizia o que ele diria, se lhe fosse possível pôr ordem nos seus pensamentos desataviados. Era produto de um cérebro semelhante ao seu, porém enormemente mais poderoso, mais sistemático, menos medroso. Ele percebia que os melhores livros são os que dizem o que já se sabe (ORWELL, 1978, p. 187).

A relação de Winston com Goldstein é apresentada de forma indireta, através das ideias contidas no livro. Goldstein representa a figura do líder da resistência e da luta contra o regime opressor, e suas ideias são descritas como a única forma de libertação para o povo. No entanto, é importante destacar que a figura de Goldstein é apresentada de forma misteriosa e um tanto ambígua, e não é possível saber se ele realmente existe ou se é apenas uma invenção do regime para manter o medo e a opressão. De qualquer forma, a figura de Goldstein desempenha um papel crucial na obra, representando a única esperança de libertação e a luta contra a opressão. Sua imagem é usada pelo regime como uma forma de manter o controle sobre a população, mas também é vista como uma inspiração para aqueles que se opõem ao poder totalitário.

A reflexão de Winston sobre o que faz um bom livro - aquele que diz o que você já sabia - pode ser vista como uma crítica à literatura que serve apenas para confirmar o que o leitor já acredita, sem desafiá-lo ou expandir seu conhecimento. No entanto, é importante notar que, no contexto do livro, a busca por conhecimento e a leitura de livros subversivos como o de Goldstein são vistos como atividades perigosas e subversivas, que podem levar à prisão e à execução.

Com relação a O'Brien, ele é um dos personagens mais importantes da obra. Ele é apresentado inicialmente como um membro do Partido Interno, o grupo de elite que controla o poder no regime opressor. O'Brien é descrito como um homem confiante e inteligente, capaz de expressar ideias complexas com facilidade: "O'Brien era um homem grande, truncado, de pescoço taurino e rosto grosseiro, engraçado, brutal. Apesar de sua aparência temível tinha

maneiras até distintas” (ORWELL, 1978, p.15). Winston não se sente atraído por O'Brien de maneira romântica ou sexual. Pelo contrário, ele é atraído pela aparente inteligência e sabedoria dele, bem como por suas opiniões subversivas sobre o partido governante e a sociedade em que vivem. Ele começa a acreditar que O'Brien pode ser um aliado na luta contra o Estado totalitário e sua opressão:

Winston vira O'Brien talvez meia dúzia de vezes em outros tantos anos. Sentia-se fundamente atraído por ele e não apenas por se sentir intrigado pelo contraste entre a urbanidade de O'Brien e o seu físico de pugilista. Era muito mais por causa de uma crença secreta – ou talvez não chegasse a crença, fosse mera esperança – de que não era perfeita a ortodoxia política de O'Brien. Havia em sua fisionomia algo que dava essa impressão. Ou ainda, talvez não fosse ortodoxia o que estava escrito em seu rosto, mas apenas inteligência. De qualquer forma, tinha o aspecto de ser pessoa com que se podia conversar, se fosse possível fraudar a teletela e falar-lhe a sós (ORWELL, 1978, p. 15).

A descrição de O'Brien como um homem com um "físico de lutador" e modos polidos sugere que ele é alguém que exerce poder e influência, mas também é capaz de se apresentar de forma agradável e educada. Isso pode ser uma indicação de que O'Brien é capaz de se adaptar a diferentes situações e desempenhar diferentes papéis, o que pode ser uma habilidade valiosa em uma sociedade tão controlada e monitorada. O trecho também sugere que Winston acredita que há algo de não ortodoxo em O'Brien, algo que sugere que ele pode estar aberto a ideias ou comportamentos que não são aceitos pelo Partido. Isso pode ser uma esperança de que O'Brien possa ser um aliado em uma possível rebelião contra o governo. No entanto, Winston também considera a possibilidade de que seja apenas a inteligência de O'Brien que o faz parecer diferente, o que indica que Winston está incerto sobre a verdadeira natureza dele. Além disso, o desejo de encontrar O'Brien sozinho e conversar com ele, sugere que Winston sente-se solitário e desesperado por alguém com quem possa compartilhar seus pensamentos e sentimentos. Isso pode ser um reflexo da sociedade controlada e monitorada em que vive, onde a intimidade e a individualidade são quase inexistentes.

Quando Winston tem sua primeira conversa pessoal com O'Brien e recebe um pedaço de papel com o endereço dele, ele percebe que chegou a um ponto crítico de sua revolta, onde não há mais como retroceder e seu destino parece estar irremediavelmente decidido. Embora Winston tenha esperança de derrotar o Partido em outros momentos, após a conversa com O'Brien, ele faz uma análise consistente de sua própria situação (PAVLOSKI, 2014):

Estavam parados diante duma teletela. Um tanto distraído, O'Brien procurou em dois bolsos e deles tirou um pequeno canhenho de capa de couro e uma lapiseira-tinta, de ouro. Logo abaixo da teletela, em posição tal que pudesse ser lido por quem estivesse de plantão no outro extremo do fio do aparelho, ele rabiscou um endereço, arrancou a página e deu a Winston (ORWELL, 1978, p.149).

O papel de O'Brien na história é similar ao de Júlia, uma vez que ambos proporcionam ao protagonista momentos de êxtase que o aproximam cada vez mais da destruição. Tanto o convite para uma visita residencial quanto a declaração criminosa de amor exercem esse papel. Quando Winston e Júlia se encontram no endereço fornecido por O'Brien e ouvem dele próprio que eles voltarão a se encontrar onde não há treva, o último passo é finalmente dado em direção às celas continuamente iluminadas do Ministério do Amor (PAVLOSKI, 2014, p. 187):

No universo ficcional de 1984, os ideocriminosos, como Winston, podem ser compreendidos metaforicamente como células defeituosas de um organismo estável e uniforme, de forma que a cura é alcançada por meio de violentas práticas corretivas ou pela simples extração dos elementos considerados "doentes". Seja qual for o método escolhido, a prioridade do Estado é evitar a todo custo que a infecção da heterodoxia se alastre para outros componentes do corpo social e desestabilize a harmonia construída pelo Partido.

Nesse sentido, *1984* apresenta a metáfora dos ideocriminosos como células defeituosas em um organismo uniforme, onde a cura é alcançada por meio de práticas corretivas violentas ou extração dos elementos considerados "doentes", demonstrando a prioridade do Estado em evitar a propagação da heterodoxia e manter a estabilidade do corpo social construído pelo Partido.

Ao longo da trama, a relação de O'Brien com Winston se desenvolve de uma forma complexa. O'Brien se apresenta inicialmente como um amigo e aliado de Winston, mas eventualmente se revela como um agente do governo que estava monitorando as ações de Winston o tempo todo. Pavloski (2014), reitera que o personagem principal alimenta a esperança de encontrar aliados dentro do próprio partido e formar um grupo organizado capaz de lutar contra o regime opressor, vislumbrando assim um futuro livre da escuridão imposta pelo Partido. A esperança de Winston em encontrar aliados dentro do próprio partido e formar um grupo de resistência é abruptamente interrompida quando ele descobre que O'Brien, que parecia ser uma possível figura de confiança, na verdade era um agente duplo do Partido, trabalhando para reprimir qualquer tentativa de rebelião. Esse choque de realidade confronta diretamente a visão esperançosa que Winston tinha em relação ao futuro e deixa claro que a possibilidade de resistência é praticamente nula dentro do sistema opressor em que vivem:

As botas fizeram-se ouvir de novo. A porta abriu-se. O'Brien entrou. Winston levantou-se num pulo. O choque baniu todas suas precauções. Pela primeira, vez em muitos anos, esqueceu-se da presença da teletela. – Também te pegaram! – exclamou. – Pegaram-me há muito tempo – disse O'Brien, com leve ironia, quase arrependida. Deu um passo para o lado e por trás dele apareceu um guarda de peito largo, com um longo bastão negro na mão. – Sabias disto – disse O'Brien. – Não te iludas, Winston. Sabias... Sempre soubeste. Sim, ele agora via que sempre soubera. Mas não houve tempo para pensar. Só tinha olhos para o bastão do guarda. Podia cair em qualquer

parte: no alto da cabeça, na ponta da orelha, no braço, no cotovelo... (ORWELL, 1978, p. 221).

Essa passagem é crucial para o desenvolvimento da trama, pois é quando Winston finalmente encara a verdadeira natureza de O'Brien. Ele está tão chocado com a presença do falso amigo naquelas circunstâncias que esquece temporariamente a teletela e grita: "Também te pegaram!" (ORWELL, 1978, p. 221). No entanto, a resposta de O'Brien é irônica e pesada, indicando que ele havia sido capturado pelo partido há muito tempo. O guarda de peito largo com um cassete preto na mão, que surge atrás de O'Brien, é um símbolo do poder brutal e da violência do regime opressor. A afirmação de O'Brien de que Winston sempre soube que ele seria capturado mostra que o personagem nunca foi realmente livre, mesmo em seus pensamentos e emoções. A descrição do cassete na mão do guarda indica o poder absoluto que o Partido tem sobre a vida e a morte dos cidadãos, e a falta de controle que as pessoas têm sobre seus próprios corpos. Essa passagem é um exemplo claro da crueldade e da opressão que permeiam a sociedade retratada na obra, reforçando a ideia de que o poder absoluto corrompe absolutamente.

Observa-se que O'Brien usa sua posição de poder para manipular e controlar Winston, torturando-o e fazendo-o questionar sua própria sanidade. O'Brien também é apresentado como um mestre em manipulação e controle, e seu papel na obra é mostrar como o poder pode corromper a moralidade e a empatia. Assim, em um trecho da obra, é retratado uma cena intensa de interrogatório em que Winston é submetido a uma série de torturas físicas e psicológicas por O'Brien, que é responsável por questionar e punir aqueles que desafiam o sistema totalitário do governo:

Durante todo o interrogatório, embora não o pudesse ver, tivera a impressão de ter O'Brien ao lado. Era O'Brien quem tudo dirigia. Mandara os guardas atacarem Winston e os impedia de o matarem. Era quem decidia quando Winston devia gritar de dor, quando devia se aliviar, quando comer, quando dormir, quando levar injeção no braço. Era o atormentador, o protetor, o inquisidor, o amigo (ORWELL, 1978, p. 226-227).

A descrição detalhada dos atos de O'Brien sugere que ele é uma figura poderosa e onipresente, capaz de controlar todos os aspectos da vida de Winston, incluindo sua dor, sono e nutrição. O uso de expressões como "atormentador", "protetor", "inquisidor" e "amigo" reforça a complexidade da relação entre ambos, que é marcada por uma mistura de lealdade, medo e ódio. Ainda assim, é importante notar que essa cena não se trata apenas de um retrato da violência e opressão, mas também de um exemplo da habilidade de Orwell em criar uma atmosfera opressiva e tensa através da linguagem e da descrição detalhada dos atos dos

personagens. A descrição minuciosa das ações de O'Brien e a sensação de sua presença constante ao lado de Winston contribuem para a sensação de claustrofobia e desespero que permeia todo o livro.

Para Pavloski (2018) a revolta solitária de Winston Smith destaca não somente o controle do Estado, mas também a necessidade de submeter os indivíduos a um estado de inconsciência em prol do equilíbrio na Oceania. Smith tenta manter sua liberdade na sua mente, mas o poder exercido na distopia de Orwell vai além do mundo físico, afetando profundamente a psique humana. Pavloski (2018, p.184), reitera ainda que “Assim como em *Nós* e *Admirável Mundo Novo*, o protagonista em *1984* é visivelmente inadequado para o tipo de sociedade figurada”. No caso de Winston, isso é demonstrado através de sua insatisfação com o estado totalitário em que vive, sua busca pela verdade e sua luta para preservar sua individualidade. O'Brien, por outro lado, é um personagem que representa o oposto de Winston. Ele é totalmente adequado para a sociedade de *1984*, porque ele não questiona o poder do Estado e é completamente leal a ele:

O indivíduo só tem poder na medida em que cessa de ser indivíduo. Conheces o lema do partido: “Liberdade é escravidão”. Já te ocorreu que é reversível? Escravidão é Liberdade. Sozinho, livre, o ser humano é sempre derrotado. Assim deve ser, porque todo ser humano está condenado a morrer, que é o maior dos fracassos. Mas se puder realizar uma submissão completa, total, se puder fugir a sua identidade, se puder fundir-se no partido então ele é o partido, e é onipotente e imortal. A segunda coisa que deves entender é que poder é o poder sobre todos os entes humanos. Sobre o corpo, mas, acima de tudo, sobre a mente. O poder sobre a matéria - realidade externa como a chamarias - não é importante. E o nosso poder sobre a matéria já é absoluto (ORWELL, 1978, p.245).

A cena apresentada é uma reflexão filosófica e política de O'Brien sobre o poder e a submissão na obra de Orwell. O trecho apresenta o lema do Partido: "liberdade é escravidão", que é uma afirmação aparentemente paradoxal, mas que faz sentido no contexto da sociedade totalitária apresentada na obra. O objetivo do Partido é controlar completamente a vida dos indivíduos, a ponto de fazê-los acreditar que sua própria submissão é liberdade. Essa passagem também destaca a importância do poder sobre a mente das pessoas, já que é a partir daí que o controle completo pode ser estabelecido. Além disso, O'Brien argumenta que o poder sobre a matéria já é absoluto, o que mostra a natureza totalitária e opressora do governo apresentado na obra.

Ainda, é representado uma visão pessimista da humanidade, em que o indivíduo é considerado fraco e derrotado quando está sozinho. A única possibilidade de poder e imortalidade seria através da submissão completa ao Partido, que se tornaria parte do próprio indivíduo. Sendo assim, O'Brien representa a figura do poder no regime opressor. Ele usa sua

posição de poder para controlar e manipular aqueles ao seu redor, mostrando como o poder pode ser usado para oprimir e silenciar a dissidência. Ele é apresentado como um exemplo do que pode acontecer quando uma pessoa tem poder demais e não tem restrições éticas para limitar suas ações. Durante a tortura, Winston percebe que o partido controla não apenas suas ações, mas também seus pensamentos e memórias. Ele é submetido a uma série de técnicas psicológicas cruéis, projetadas para fazê-lo questionar sua própria sanidade e ceder completamente à vontade do partido. No final, Winston é completamente subjugado pelo partido e se torna um leal defensor do Ingsoc.

Claeys (2017), no entanto, enfatiza a vulnerabilidade do personagem Winston, diante da manipulação psicológica sob tortura. Pois, através da trama literária, é possível notar a progressão da ilusão do protagonista sobre a capacidade de resistir à tortura, que culmina em sua rendição aos interrogadores e à subversão completa de suas crenças e valores pessoais:

Winston é comprovadamente tão iludido com tanta frequência que podemos razoavelmente ser cautelosos com seu julgamento. Crucialmente, ele assume erroneamente, junto com Julia, que mesmo sob tortura 'eles não podem entrar em você'. Eles entram, facilmente. Eles não apenas podem entrar em você. Eles se tornam você, e você a eles"¹⁴ (CLAEYS, 2017, p. 419, tradução nossa).

Assim, sugere-se que a incapacidade de Winston de resistir à tortura não é meramente um fracasso individual, mas sim uma reflexão da natureza da tortura e de sua capacidade de destruir não apenas o corpo, mas também a mente e a identidade pessoal. Essa análise destaca a importância da tortura como um tema central na obra e seu papel na desconstrução do personagem Winston como um símbolo da resistência à opressão e controle totalitário. Através de uma narrativa intensa e carregada de simbolismo, George Orwell cria uma cena que mostra o triunfo do poder sobre o indivíduo, e a completa aniquilação da sua identidade:

Winston, imerso num sonho bem-aventurado, não reparou quando lhe encheram o copo. Já não corria nem dava vivas. Estava de volta ao Ministério do Amor, tudo perdoado, a alma branca de neve. Estava na tribuna dos réus, confessando tudo, implicando todos. Ia andando pelo corredor de ladrilhos brancos, com a impressão de andar ao sol, acompanhado por um guarda armado. Por fim penetrava-lhe o crânio a bala tão esperada (ORWELL, 1978, p. 277).

O trecho começa com Winston em um estado de sonho "bem-aventurado", o que sugere que ele está temporariamente alheio à realidade, talvez por estar sob efeito de alguma droga ou tortura. Em seguida, é descrito que ele não prestou atenção enquanto o copo era abastecido, o que pode ser interpretado como uma indicação de que ele está sendo forçado a beber algo. Logo

¹⁴ Citação original: "Winston himself is proven to be so deluded so often that we can reasonably be chary of his judgement. Crucially he wrongly assumes, with Julia, that even under torture 'they can't get inside you'. They do, easily. They not only can get inside you. They become you, and you them" (CLAEYS, 2017, p. 419).

após, é revelado que Winston "estava de volta ao Ministério do Amor", o que indica que ele foi capturado novamente pelas autoridades que o torturaram anteriormente. No entanto, agora ele está diferente, sua alma "branca de neve". Esse simbolismo pode ser interpretado de várias maneiras, mas uma possível leitura é que Winston foi completamente purificado de sua "impureza" anterior - ou seja, sua rebeldia e desejo de liberdade.

Winston agora está na "tribuna dos réus confessando tudo, implicando todos", o que sugere que ele está fazendo acusações contra outras pessoas como parte de sua confissão. Isso pode ser interpretado como uma indicação de que ele está tentando salvar a si mesmo, ou como um sinal de que ele foi completamente cooptado pelo regime e agora está agindo como um instrumento de controle social. Enquanto percorre o corredor de azulejos brancos, Winston sente a sensação de andar à luz do sol, o que pode ser visto como uma referência ao fato de que ele agora está em um estado de iluminação ou clareza, em oposição à sua escuridão anterior. No entanto, essa iluminação é ilusória, pois ele ainda é escoltado por um guarda armado, o que sugere que ele ainda não é livre. Finalmente, a descrição da "bala tão esperada" que está penetrando em seu cérebro pode ser interpretada como uma referência à execução de Winston, ou como uma metáfora para a completa subjugação da sua vontade e pensamento crítico:

Levantou a vista para o rosto enorme. Levava 40 anos para aprender que espécie de sorriso se ocultava sob o bigode negro. Oh, mal-entendido cruel e desnecessário! Oh, teimoso e voluntário exílio do peito amantíssimo! Duas lágrimas cheirando a gim escorrem de cada lado do nariz. Mas agora estava tudo em paz, tudo ótimo, acabada a luta. Finalmente lograra a vitória sobre si mesmo. Amava o Grande Irmão (ORWELL, 1978, p.277).

Essa é uma das passagens mais icônicas da obra e apresenta um momento crucial na jornada do protagonista Winston Smith. A cena é carregada de emoção e simbolismo, e representa a completa subjugação da vontade e do livre-arbítrio de Winston às autoridades totalitárias que governam o mundo distópico em que ele vive. Ao olhar para o rosto enorme do Grande Irmão, a figura onipresente e opressora que representa o governo, Winston sente uma sensação de tristeza e derrota. Ele percebe que precisou de quarenta anos para entender que o sorriso que o Grande Irmão escondia sob o bigode preto era falso e enganoso, e que ele havia se enganado acreditando em uma falsa esperança de liberdade.

As lágrimas com aroma de gim que pingam das laterais do nariz de Winston simbolizam sua dor e sofrimento, assim como a sua submissão ao Grande Irmão. Mas ao mesmo tempo, ele sente que sua luta acabou e que conquistou a vitória sobre si mesmo. Ele percebe que amar o Grande Irmão é a única forma de encontrar paz e segurança em um mundo em que a individualidade e a liberdade são proibidas e punidas com severidade. A passagem apresenta

uma visão sombria e pessimista da natureza humana, sugerindo que a vontade e a individualidade são frágeis e podem ser facilmente controladas e manipuladas pelas forças do autoritarismo. Ao mesmo tempo, ela também apresenta uma reflexão sobre os perigos do poder e da manipulação da verdade, mostrando como o controle da informação e a manipulação das emoções podem levar a uma subjugação total do indivíduo e da sociedade como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas medidas de controle impostas pelo partido regente em *1984* e na análise da relação de Winston com os outros personagens, principalmente com Julia e O'Brien, pode-se concluir que a obra de George Orwell apresenta uma visão sombria do futuro da humanidade. Ao longo do trabalho, também é observar como o partido busca manter um controle absoluto sobre a vida dos cidadãos, utilizando-se de técnicas de vigilância e repressão para suprimir qualquer forma de dissidência. Esse controle se estende desde a esfera pública até a esfera privada, invadindo a intimidade dos indivíduos e subjugando sua liberdade de pensamento e ação.

Além disso, a análise das relações interpessoais apresentadas na obra, especialmente as relações de Winston com Julia e O'Brien, reforça a visão sombria do futuro apresentada por Orwell. A relação entre Winston e Julia, que inicialmente parecia ser um caso de amor proibido e subversivo, acaba por ser totalmente controlada pelo partido. Quando finalmente são capturados, ambos são submetidos a torturas e a uma lavagem cerebral que os transforma em defensores do regime, demonstrando a eficácia do controle e da manipulação exercidos pelo partido sobre seus cidadãos. Já a relação entre Winston e O'Brien, que em um primeiro momento parecia ser uma conexão entre dois indivíduos que compartilhavam da mesma opinião crítica em relação ao partido, também acaba por ser uma armadilha criada pelo próprio partido para capturá-lo e subjugá-lo.

Dessa forma, a obra apresenta uma visão sombria e pessimista do futuro da humanidade, retratando um mundo controlado por um regime totalitário, em que a individualidade e a liberdade são completamente suprimidas. A análise literária da obra, portanto, evidencia a preocupação de Orwell com a possibilidade de um futuro opressivo e repressivo, em que a democracia e os direitos humanos são negados, ressaltando a importância da resistência e da luta pela liberdade e pela justiça.

1984 é considerada uma das principais distopias da literatura mundial, pois retrata um futuro sombrio e assustador em que o Estado detém um controle absoluto sobre a vida das pessoas. Ao longo do trabalho, ficou claro que o partido regente utiliza de meios violentos e extremamente opressivos para manter a população sob seu domínio, e isso acaba por reduzir as pessoas a meros autômatos, sem liberdade de pensamento ou de ação. Por meio da história de Winston Smith, o protagonista, podemos entender que a busca pela liberdade individual é um elemento fundamental para o desenvolvimento humano.

O destino de Winston, que é capturado e submetido a um processo de reeducação para se tornar um membro obediente do partido, é uma das partes mais chocantes e simbólicas do livro. A ideia de que o Estado pode moldar e controlar a mente das pessoas de forma tão absoluta é aterrorizante, e serve como um alerta sobre a necessidade de resistência e luta contra regimes autoritários e opressores.

O que torna *1984* único e impactante é a maneira como Orwell descreve esse mundo totalitário e as técnicas usadas pelo regime para manter o poder. O conceito central da obra é o "Grande Irmão", um líder político onisciente e onipresente que representa o controle absoluto do Estado. A vigilância constante e invasiva, a manipulação da história e a destruição da linguagem são apenas alguns dos elementos retratados por Orwell para enfatizar o poder opressivo do regime. O romance também introduz o conceito de "duplipensar", em que os cidadãos são forçados a aceitar simultaneamente duas ideias contraditórias, privando-os da capacidade de questionar e resistir ao regime.

Por outro lado, quando observamos *Admirável Mundo Novo*, de Aldous Huxley, ali é apresentada uma distopia futurista na qual a sociedade é estruturada em castas e controlada por meio de manipulação biológica e condicionamento social. Huxley demonstra preocupação com o excesso de liberdade e com os prazeres superficiais, nos quais a busca pela verdade e pela individualidade é substituída pela busca pelo prazer e pela conformidade. A sociedade retratada em *Admirável Mundo Novo* é caracterizada pela supressão das emoções profundas, pela ausência de livre-arbítrio e pela incessante busca por entretenimento e satisfação imediata.

Embora Orwell e Huxley abordem preocupações diferentes em suas obras, há uma relação interessante entre os dois. Ambos os autores retratam futuros distópicos em que a liberdade individual é sacrificada, embora de maneiras diferentes. Enquanto Huxley temia um mundo em que as pessoas se tornassem passivas e conformes, buscando apenas prazeres superficiais, Orwell estava preocupado com a repressão e manipulações governamentais que poderiam levar à anulação da individualidade e da verdade. Embora os métodos de controle e opressão sejam distintos nas duas obras, ambos os autores alertam para os perigos extremos representados por esses cenários distópicos.

Ao analisar a obra de Orwell, podemos concluir que a liberdade individual é um elemento fundamental para a preservação da humanidade. O Estado totalitário retratado em *1984* reduz as pessoas a meros objetos e nega-lhes a capacidade de pensar, agir e decidir por si próprias. O livro serve, portanto, como uma advertência sobre os perigos do controle absoluto do Estado sobre a sociedade, e destaca a importância de resistir à opressão e lutar pela liberdade individual.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. Traduzido por Alfredo Bossi. 5ª Ed. São Paulo: Ed. Martins Fontes, 2007.

BENTIVOGLIO, Julio Cesar. **História & distopia**: a imaginação histórica no alvorecer do século 21. 2. Ed. Vitória: Ed. Milfontes, 2019.

BURGESS, Anthony. **A Literatura Inglesa**. São Paulo: Ed. Ática, 1996.

CLAEYS, Gregory. **Dystopia: A Natural History A Study of Modern Despotism, Its Antecedents, and Its Literary Diffractions**. New York: Oxford University Press, 2017.

BABB, Genie. Quivers of Idiosyncrasy: Modern Statistics in A Modern Utopia. In: GOLDFREY, Emelyne. **Utopias and Dystopias in the Fiction of H. G. Wells and William Morris**. UK: Palgrave Macmillan, 2016.

BERRIEL, Carlos Eduardo Ornelas. Prefácio. In: BIANCHETTI, Lucídio; THIESEN, Juarez da Silva (Org.). **Utopias e distopias na modernidade**: educadores em diálogo como T. Morus, F. Bacon, J. Bentham, A. Huxley e G. Orwell. Ijuí: Ed. Unijuí, 2014.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. Ficção científica e distopia: contos de Edgar Allan Poe para a sala de aula. In: **Anais do 11º Fórum Internacional de Pedagogia Anais – FIPED e AINPGP**. Cajazeiras: UFCG e AINPGP, 2020, p. 138-150.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. Ficção científica na sala de aula: o (pós)colonialismo de Edgar Allan Poe. In: **Anais VI CONEDU (Congresso Nacional de Educação)**. Campina Grande: Realize Editora, 2019. Disponível em: <<https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/60521>>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. Perspectivas Crítico-Teóricas para a Formação do Romance Inglês: O Bildungsroman e as Tensões de Gênero, Raça e Classe. In: **Revista de Estudos Decoloniais**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.56814/red.v1i1.1824>>. Acesso em: 13 de maio de 2023.

FAVERO, Celso Antonio; VERAS, Mariana Rodrigues. Bem viver: o reencontro da utopia. In: FAVERO, Celso Antonio; FREITAS, Carlos Eduardo Soares de; TORRES, Paulo Rosa (Org.). **Distopias e utopias**: entre os escombros do nosso tempo. Salvador: EDUFBA, 2020.

FIGUEIREDO, Carolina Dantas de. **Admirável comunicação nova**: um estudo sobre a comunicação nas distopias literárias. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011. Disponível em: <<https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/2885>>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

HILÁRIO, C. Teoria Crítica e Literatura: a distopia como ferramenta de análise radical da modernidade. In: **Anuário de Literatura**, [S. l.], v. 18, n. 2, p. 201–215, 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2013v18n2p201>>. Acesso em: 13 de abril de 2023.

HUBNER, Patrick. Utopia e Mito. In: BRUNEL, Pierre (Org.). **Dicionário de mitos literários**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1997.

LIEBEL, Vinícius. Distopias - um gênero na história. In: LIEBEL, Silvia (Org.). **Das utopias modernas às distopias contemporâneas: conceito, prática e representação**. 2. ed. Belo Horizonte [MG]: Fino Traço, 2021. E-book.

LIRA, Thaíse Gomes. **Máquina do tempo: ressonância de H. G. Wells na ficção distópica do século XX**. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal da Paraíba, 2019. Disponível em: <<https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/123456789/16777>>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 12 ed. São Paulo: Cultrix, 2004.

MONTEIRO, Maria do Rosário. A Utopia na literatura fantástica: um exemplo. In: **Utopia: mitos e formas**, n. 1990, 1993. p. 361-374

MORE, Thomas. **Utopia**. Tradução de Marcio Meirelles Gouvêa Junior. Belo Horizonte: Autêntica Ed, 2017.

ORWELL, George. **A Revolução dos Bichos**. Traduzido por Karla Lima. Jandira, SP: Ed. Principis, 2021.

ORWELL, George. In: PIZA, Daniel (Org). **Dentro da Baleia e outros ensaios**. Tradução de José Antonio Arantes. São Paulo: Companhia das letras, 2005.

ORWELL, George. **The collected essays, journalism and letters of George Orwell: in front of your nose 1945-1950**. New York: Harcourt, 1968. v. 4

ORWELL, George. **1984**. Traduzido por Wilson Velloso. São Paulo: Companhia Ed Nacional, 1978.

DAVISON, Peter. In: ORWELL, George. **Uma vida em cartas**. Tradução de Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2013.

PAVLOSKI, Evanir. **1984: a distopia do indivíduo sob controle**. Ponta Grossa: Ed. UEPG, 2014.

PAVLOSKI, Evanir. As sete décadas de 1984, de george orwell: um breve estudo sobre a utopia totalitária no século das distopias. In: **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 40, n. 2, p. 177-198, 2018. Disponível em: <<https://revistas2.uepg.br/index.php/uniletras/article/view/13545>>. acesso em: 27 de abril 2023.

PAVLOSKI, Evanir. Da revolução ao totalitarismo: a herança de Nós, de Eugene Zamiatin, para as distopias do século XX. In: **Morus** - Utopia e Renascimento, Campinas, Unicamp, v. 12, p. 115 – 135, 2017.

PINTO, Manuel da Costa. Prefácio. In: BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451**. Tradução de Cid Knipel. São Paulo: Globo, 2012.

PIRES, Yure de Freitas. **Sintonia entre os mundos**: retroalimentação entre realidade e ficção científica em obras de H. G. wells, George Orwell e Ray Bradbury. Dissertação (Programa de Pós-Graduação STRICTO SENSU em Letras) - Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2017.

RONCATTO, Gabriel Muttoni. **George Orwell**: Modernidade e Contemporaneidade em 1984. (Trabalho de Conclusão de Curso). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2011. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10183/39424>>. Acesso em: 15 de abril de 2023.

SILVA, Alexander Meireles da. **Literatura Inglesa para Brasileiros**. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Ciência Moderna, 2005.

SILVA, Suênio Stevenson Tomaz da. Utopia e distopia no mundo literário. In: LIEBIG, Sueli Meira; QUEIROGA, Marcílio Garcia de (Org). **Estudos literários em perspectiva**. João Pessoa: Ed. Fotograf, 2008.